

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO – UNIGRANRIO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESCOLA DE HUMANIDADES, CULTURA E ARTES
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes-PPGHCA
Mestrado Acadêmico em Humanidades, Culturas e Artes

MÁRCIA PEREIRA DE AZEVEDO MUNIZ

**PADLET E LETRAMENTO NA CIBERCULTURA: UMA ESTRATÉGIA
PEDAGÓGICA PARA APRENDIZAGEM COLABORATIVA**

DUQUE DE CAXIAS
2023

MÁRCIA PEREIRA DE AZEVEDO MUNIZ

**PADLET E LETRAMENTO NA CIBERCULTURA: UMA ESTRATÉGIA
PEDAGÓGICA PARA APRENDIZAGEM COLABORATIVA**

Dissertação apresentada Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes - PPGHCA - Linha de pesquisa: Educação, Linguagem e Cultura. Mestrado Acadêmico em Humanidades, Culturas e Artes, como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Humanidades, Culturas e Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Daniele Ribeiro Fortuna

DUQUE DE CAXIAS
2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UNIGRANRIO – NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS

M966p

Muniz, Márcia Pereira de Azevedo.

Padlet e letramento na cibercultura: uma estratégia pedagógica para aprendizagem colaborativa / Márcia Pereira de Azevedo Muniz. – Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2023.
103 f.

Dissertação (Mestrado). - UNIGRANRIO. Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades. Rio de Janeiro, 2023.

Orientadora: Daniele Ribeiro Fortuna.

1. Tecnologias digitais. 2. Padlet. 3. Letramento. 4. Multiletramentos. 5. Inclusão digital. 6. Multimodalidade. I. Fortuna, Daniele Ribeiro. II. Título. III. Unigranrio.

CDD – 302.224 4

MARCIA PEREIRA DE AZEVEDO MUNIZ

**PADLET E LETRAMENTO NA CIBERCULTURA: UMA EXPERIÊNCIA
PEDAGÓGICA PARA APRENDIZAGEM COLABORATIVA**

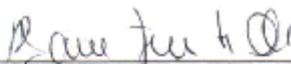
Dissertação apresentada à Universidade
do Grande Rio "Prof. José de Souza
Herdy", como parte dos requisitos parciais
para a obtenção do título de Mestre em
Humanidades, Culturas e Artes.

Exemplar apresentado para avaliação da banca examinadora em 13/02/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Daniele Ribeiro Fortuna
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da
UNIGRANRIO



Prof.^a Dr.^a Rosane Cristina de Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da
UNIGRANRIO

Documento assinado digitalmente
DDSTOIEWSKI MARIATT DE OLIVEIRA CHAS
Data: 15/02/2023 11:56:39 -0300
Verifique em <https://verificador.br.br>

Prof.^a Dr.^a Dostoiewski Mariatt de Oliveira Champagnatte
Centro Universitário Alves Faria e Faculdade de Inhumas

Dedico este trabalho a Deus, ao meu esposo, à
minha família, e à minha orientadora.

*Bem-aventurado o homem que acha
sabedoria, e o homem que adquire
conhecimento.*

Provérbios 3:13.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de cursar o mestrado, pela capacitação e pelo seu cuidado em todos os momentos de minha vida.

À Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO, meus agradecimentos a todos os professores, funcionários e equipe pedagógica desta renomada instituição.

A minha orientadora, Doutora Daniele Ribeiro Fortuna, obrigada pela compreensão, motivação e paciência ao longo deste percurso.

Aos professores da Banca, agradeço o carinho e as excelentes contribuições.

Agradecimento especial ao meu esposo, Carlos Magno, o grande amor da minha vida, pelo companheirismo, incentivo e amor dedicados a mim.

A minha mãe, Heloisa, o meu amor, meus agradecimentos por se minha melhor amiga e por todas as orações feitas a Deus pela minha vida. Obrigada mãe!

Ao meu eterno amor, o meu pai, Antônio Lins (in memoriam) que sempre me orientou pelo melhor caminho, pela busca do conhecimento, sabedoria e amor.

A todos que sempre torceram pela minha felicidade, hoje, o sonho se torna realidade. Obrigada!

Assim, reitero meus agradecimentos, expressando minha gratidão:

Muitíssimo Obrigada!

MUNIZ, Márcia Pereira de Azevedo. **Padlet e Letramento na Ciberultura: uma estratégia pedagógica para aprendizagem Colaborativa**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Humanidades, Culturas e Artes). Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO, 2022.

RESUMO

Esta dissertação tem como meta investigar o uso das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem, observando as práticas de leitura e escrita no ciberespaço por meio do Padlet. Além disso, refletir acerca do letramento digital, descrever a relevância da inclusão digital, como também verificar como os professores trabalham com os multiletramentos e a multimodalidade para alcançar seus objetivos educacionais. O estudo foi desenvolvido tendo como base autores como Magda Soares, Roxane Rojo, Eduardo Moura, José Moran, Lúcia Santaella, Magda Pischetola, Ana Elisa Ribeiro, Pierre Lévy, Ângela Kleiman, entre outros. A Metodologia constituiu-se em uma pesquisa de caráter descritivo e abordagem qualitativa, exploratória, utilizando para a análise de dados padlets postados no ciberespaço que foram confeccionados por professores e alunos de escolas públicas, sendo, também, uma pesquisa bibliográfica. O corpus selecionado foi obtido através do site Google que deu destaque aos resultados de sucesso das escolas no período de quarentena. Assim, o objetivo é o de realizar um estudo de caso para investigar as práticas de leitura e escrita no ciberespaço, relacionadas ao uso das tecnologias digitais, de modo que seja possível alcançar uma aprendizagem colaborativa. Diante das exigências postas à educação contemporânea, observou-se, no grupo pesquisado, que os docentes fizeram uso da multimodalidade e da tecnologia de forma proveitosa, buscando ampliar o letramento dos alunos. O letramento no espaço digital foi intermediado pelo uso do Padlet, ratificou-se que a ferramenta contribuiu na apropriação dos multiletramentos. Os letramentos críticos foram abordados na medida em que foram inseridos nos murais textos de diferentes mídias e culturas. Percebeu-se que o essencial papel da escola é o de oferecer aos seus alunos novas formas de comunicação de produção e conhecimento. Dessa forma, é essencial que haja investimentos em políticas públicas, bem como na capacitação do professor, para que as possibilidades de aprendizagens no espaço escolar sejam múltiplas.

Palavras-chave: tecnologias digitais, padlet, letramento, multiletramentos, inclusão digital e multimodalidade.

MUNIZ, Márcia Pereira de Azevedo. **Padlet and Literacy in Cyberculture: a pedagogical strategy for collaborative learning.** Dissertation (Academic Master in Humanities, Cultures and Arts). University of Grande Rio – UNIGRANRIO, 2022.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate the use of digital technologies in the teaching-learning process by observing reading and writing practices in cyberspace through the Padlet. In addition, reflect on digital literacy, describe the relevance of digital inclusion, as well as check how teachers work with multi-templates and multimodality to achieve their educational goals. The study was developed based on authors such as Magda Soares, Roxane Rojo, Eduardo Moura, José Moran, Lucia Santaella, Magda Pischetola, Ana Elisa Ribeiro, Pierre Lévy, Angela Kleiman, among others. The Methodology was constituted in a descriptive and qualitative, exploratory approach, using for the analysis of data padlets posted in the cyberspace that were made by teachers and students of public schools, being also a bibliographic research. The selected corpus was obtained through the Google website that highlighted the success results of schools in the quarantine period. Thus, the objective is to conduct a case study to investigate the practices of reading and writing in cyberspace, related to the use of digital technologies, so that it is possible to achieve collaborative learning. Faced with the demands placed on contemporary education, it was observed, in the group researched, that teachers made use of multimodality and technology in a profitable way, seeking to enlarge students' education. Reading in digital space was brokered by the use of Padlet, it was ratified that the tool contributed to the appropriation of multiletrados. Critical lyrics were addressed in that they were inserted into the murals texts of different media and cultures. It was realized that the essential role of the school is to offer its students new forms of communication of production and knowledge. In this way, it is essential that there be investments in public policies, as well as in teacher training, so that the possibilities of learning in the school space are multiple.

Keywords: digital technologies, padlet, lettering, multiletrados, digital inclusion and multimodality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pirâmide da Aprendizagem	53
Figura 2 – Página inicial do Padlet	70
Figura 3 – Murais Hipertextuais no Padlet	71
Figura 4 – Medicina	73
Figura 5 – Comentários Medicina	73
Figura 6 – Medicina Veterinária	74
Figura 7 – Medicina Veterinária 2	75
Figura 8 – Link 1	76
Figura 9 – Link 2	76
Figura 10 – Arcadismo	77
Figura 11 – Natureza	78
Figura 12 – Cão	79
Figura 13 – Comentários Cão	80
Figura 14 – Paisagem	81
Figura 15 – Praia	82
Figura 16 – Comentários Praia	83
Figura 17 – Jota Quest	85
Figura 18 – Chafariz	87
Figura 19 – Produção dos Estudantes	88
Figura 20 – Cantinho do Estudante	89
Figura 21 – Formulário	91
Figura 22 – Dialogando com a literatura	92
Figura 23 – Fugere Urbem	93

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

COVID- 19 – Corona Vírus SAR-Cov-2

IDEB – Índice de Desenvolvimento do Ensino Fundamental

OMS - Organização Mundial da Saúde

TDIC – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
 CAPÍTULO 1 - LEITURA E ESCRITA NA CIBERCULTURA	17
1.1 – Letramento e Multiletramentos	20
1.2 – Aprendizagem Colaborativa	28
1.3 – Práticas de Leitura e Escrita	30
1.4 – Hipertexto	35
 CAPÍTULO 2 - TECNOLOGIAS DIGITAIS E EDUCAÇÃO	41
2.1 – Inclusão Digital	45
2.2 – Desafios da Educação e Cultura Digital	48
2.3 – Metodologias Ativas	54
2.4 – Multimodalidade e Tecnologia	59
 CAPÍTULO 3 - O USO DO PADLET COMO ESTRATÉGIA	
PEDAGÓGICA: Um estudo de caso	63
3.1 – Ambiente da pesquisa	65
3.2 – A ferramenta Padlet	67
3.3 – Estudo de Caso como Estratégia Didática para o uso do Padlet no ensino.....	72
3.3.1 – Padlets do Centro Estadual de Ensino Médio em tempo integral (CEEMTI) – Monsenhor Guilherme Schmitz	72
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98

INTRODUÇÃO

Para a construção deste estudo, considero relevante descrever minha trajetória profissional como docente do Ensino Fundamental e Médio, do município e do Estado do Rio de Janeiro há mais de uma década. Formada em Letras e pós-graduada pelo Liceu Literário Português, leciono as disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Redação.

Ao ingressar no mestrado em Humanidades, Culturas e Artes, as aulas ministradas pelos professores da Universidade do Grande Rio, permitiram-me maior aproximação das áreas de Tecnologias Digitais e, a partir dos conhecimentos compartilhados, percebi o quão fundamental seria pesquisar a respeito do uso das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem.

Hoje, sabe-se que a escola não é o único espaço reservado para a aprendizagem. Em decorrência do surgimento das tecnologias de informação e comunicação, há uma nova dimensão para que aconteçam as trocas de experiências entre os indivíduos, ampliando, assim, as formas de sociabilidade.

Acompanhar todos esses desafios impostos pela tecnologia é bastante complexo. Devemos considerar que o uso das mídias no ambiente escolar requer domínio e habilidades específicas para utilizá-las. O educador precisa desse domínio, a fim que seja capaz de estabelecer as relações necessárias entre o currículo e a aprendizagem dos alunos, de modo que lhes possibilitem serem críticos, reflexivos, aproveitando os recursos para que experimentem a autonomia, a colaboração, ampliando o conhecimento.

Em março de 2020, teve início a pandemia de COVID-19, o surto global de SARS-CoV-2, que se trata de um novo coronavírus, que pode levar à síndrome respiratória aguda, hospitalização e morte. Inúmeros casos e mortes atingiram muitos países e territórios em todo o mundo. Com a pandemia, as formas de se relacionar, trabalhar e consumir sofreram transformações, sobretudo, o trabalho docente.

Com esse cenário, as estratégias de trabalho foram modificadas, as famílias, professores e alunos da educação básica passaram a utilizar a tecnologia. Com isso, os professores tiveram de ministrar aulas a distância. Porém, a pandemia mostrou que a inclusão digital está longe de ser uma realidade. Infelizmente, grande

parte dos estudantes, bem como dos professores não possui o acesso à internet nem aparelhos que permitam o uso adequado para este fim. No Brasil, a qualidade e a velocidade das conexões, em muitas localidades, ainda são precárias, o que dificulta o acompanhamento das aulas na modalidade EAD por muitos estudantes.

Entretanto, nota-se, nos últimos anos, o crescente acesso à internet, além do contato às múltiplas informações, o que possibilita uma acentuada modificação no que tange ao processo de aquisição e construção do conhecimento. Em função destes fatos, alterações nos comportamentos foram notadas, bem como o surgimento de uma nova forma de discursos, acarretando mudanças significativas nas práticas educativas e sociais.

Essas mudanças concernentes aos modos de acessar e adquirir o conhecimento têm repercutido na escola, uma vez que a instituição escolar tem procurado transpor os desafios, a fim de que seja viável reordenar a prática educativa. Neste viés, a sala de aula tem sido impelida a mudanças, uma vez que a tecnologia pode ser considerada uma grande aliada na inclusão digital. Diante disso, a forma de compartilhar conhecimentos, bem como receber informações, acarreta debates acerca do modo de aprender do educando e da forma de ensinar do educador. A tecnologia pode facilitar a ampliação do acesso dos educandos ao conhecimento produzido pela humanidade.

Kenski (2013) traz reflexões a respeito das concepções culturais e sociais presentes na atualidade:

A valorização do que é novo, mais potente ou, simplesmente, diferente, já faz parte das concepções culturais e sociais presentes na atualidade. Queremos algo que potencialize nossa capacidade de interação, comunicação, acesso e armazenamento das informações. Na atualidade construímos nossas relações em meio aos mais variados artefatos tecnológicos. A cultura contemporânea está ligada à ideia da interatividade, da interconexão e da inter-relação entre as pessoas, e entre essas e os mais diversos espaços virtuais de produção e disponibilização das informações (KENSKI, 2013, p. 62).

Neste sentido, pode-se dizer que é relevante a apropriação das novas tecnologias de informação e comunicação no processo de ensino-aprendizagem escolar. Os recursos digitais podem contribuir para que as aulas sejam mais criativas, de modo que haja um diálogo com as tecnologias presentes no dia a dia. A escola pode ofertar aos alunos práticas pedagógicas que estejam conectadas com a vida cotidiana, desenvolvendo competências comunicativas eficientes. Tal como o

letramento Digital, que segundo Marcuschi (2004), seria configurado como as práticas sociais de leitura e escrita realizadas por meio das ferramentas digitais.

Desta maneira, acredito que o letramento digital pode colaborar na construção de novos conhecimentos, com a utilização de múltiplos recursos tecnológicos. Kleiman (1995, p. 18-19) ressalta que: “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Neste sentido, pode-se dizer que é relevante a apropriação das novas tecnologias de informação e comunicação. Como exemplo, temos o Padlet que foi uma das ferramentas utilizadas no ensino a distância, possibilitando o contato através da conectividade entre professores e estudantes, estimulando a aprendizagem, a colaboração, o diálogo e a investigação de novas práticas durante esse período.

Para que o aluno seja protagonista do seu próprio aprendizado, é essencial oportunizar atividades interativas com ferramentas digitais, tal como retratam Rojo e Moura (2012, p. 50), que afirmam que “o próprio ambiente digital estimula a construção de conhecimento necessário para realizar as alterações desejadas, tornando o usuário autor e organizador do seu próprio espaço textual”. Neste sentido, este trabalho que foi intitulado de “Padlet e letramento na cibercultura: uma estratégia pedagógica para aprendizagem colaborativa” tem como objetivo geral examinar as práticas de leitura e escrita de estudantes por meio da ferramenta digital chamada Padlet.

Os objetivos específicos são o de refletir sobre o letramento digital, bem como descrever a importância da inclusão digital, que é uma forma de democratizar a tecnologia, para que seja acessível ao maior número de pessoas. Além de observar como os professores trabalham os multiletramentos e a multimodalidade. Outro ponto a ser discutido diz respeito à cibercultura, que é tida como um conjunto de espaços, atitudes, rituais e costumes que as pessoas desenvolvem quando entram em contato com a tecnologia.

O propósito, também, é o de investigar o uso das tecnologias digitais de maneira que venha potencializar a aprendizagem dos estudantes, observando as práticas de leitura e escrita no ciberespaço, a fim de melhor entender como as ferramentas digitais auxiliam no processo de ensino e aprendizagem multimodal.

A pesquisa busca refletir a respeito do uso das tecnologias digitais como estratégia para aprender colaborativamente, assim como averiguar as práticas sociais de letramento, abordando, também, a importância do multiletramento como um meio para propiciar a interação e um aprendizado satisfatório. Para o estudo que trata de letramento, adota-se uma investigação sobre o leitor híbrido, presente na cultura digital. Para a realização deste estudo, utilizou-se a metodologia do estudo de caso, buscando a compreensão da complexidade da ação educativa, analisando o trabalho dos envolvidos no processo educacional.

No primeiro capítulo, abordam-se as concepções de alfabetização e letramento, articulando concepções e práticas. Em seguida, apresentam-se os conceitos sobre letramentos, multiletramentos, ciberespaço, mídia, multimídia, hipermídia e hipertexto. Além disso, mencionam-se os aspectos relacionados à leitura e à escrita na cibercultura, com o intuito de demonstrar uma visão mais ampla das mudanças ocorridas nessa área devido ao avanço tecnológico, com objetivo de discutir como as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) colaboram no processo de ensino e aprendizagem multimodal.

O segundo capítulo traz uma discussão acerca da exclusão digital, abordando os desafios existentes na escola pública para inserção dos educandos na sociedade da informação. Além disso, busca-se entender a relevância da aprendizagem colaborativa que pode ser utilizada como uma estratégia diferenciada de ensino baseada na interação e na participação ativa dos alunos no processo de construção do conhecimento.

O terceiro capítulo apresenta referenciais teóricos relacionados à tecnologia e ensino-aprendizagem, com a intenção de investigar os desafios e possibilidades do uso das tecnologias, especificamente, do Padlet como ferramenta viável para auxiliar o trabalho do professor em sala de aula, com o propósito de que haja uma aprendizagem colaborativa e um letramento eficaz na cibercultura. Para tanto, apresentaremos o ambiente da pesquisa, a ferramenta Padlet, e, também, as transformações ocorridas na educação através das tecnologias.

A partir dessas discussões, o objetivo é o de realizar um estudo de caso – que também será apresentado no terceiro capítulo - para investigar as práticas de escrita no ciberespaço, relacionadas ao uso das tecnologias digitais, de modo que seja possível alcançar uma aprendizagem colaborativa. Primeiramente, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre o tema. Conforme Gil (2010, p. 29), “[...] esta

modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos [...]”.

Neste viés, analisa-se a leitura e a escrita no ciberespaço por meio da ferramenta digital Padlet. Escolheu-se analisar Padlets que foram confeccionados durante o período pandêmico, nas aulas ministradas a distância. Os Padlets selecionados para o estudo de caso se constituem em uma experiência relevante realizada pelos professores do governo do Estado do Espírito Santo, selecionaram-se aqui uma escola pública deste Estado.

A pesquisa teve como foco o letramento no espaço digital e os textos produzidos pelos alunos, intermediados pelo uso do Padlet, e, também, verificar o modo como a educadora fez uso da multimodalidade e da tecnologia para alcançar seus objetivos no que tange ao ensino-aprendizagem. O *corpus* selecionado foi obtido através de uma pesquisa no site Google que deu destaque aos resultados de sucesso das escolas no período de quarentena.

A escolha da ferramenta Padlet se deu pelo fato de ser um recurso que permite a criação colaborativa, bem como a viabilidade de compartilhamento de conhecimentos concebidos de forma hipertextual na internet. Assim, esta ferramenta facilita a participação dos educandos e educadores no processo de sistematização de buscas e na expressão de opiniões. Com isso, pode levar ao desenvolvimento do pensamento crítico.

Sendo, assim, a pesquisa é relevante pelo fato de analisar em que medida o uso das tecnologias digitais, especialmente, a ferramenta Padlet, contribui para o desenvolvimento da criticidade e autonomia dos alunos. O desenvolvimento da criticidade é um aspecto desejável ao final da educação básica de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96, art.35)¹.

Levando-se em consideração esses aspectos, sobre o uso de uma ferramenta com potencial que pode ser utilizada em ambiente virtual de aprendizagem, a pesquisa em questão tem como âmbito o protagonismo dos estudantes, colaborando para o interesse, interação e a promoção da autonomia. Para melhor investigação dos conteúdos propostos, a pesquisa abarca três capítulos: leitura e

¹ Inciso III do Artigo 35 da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

escrita na cibercultura, tecnologias digitais e educação e, por último, aborda-se a respeito da metodologia aplicada na pesquisa.

CAPÍTULO 1 - LEITURA E ESCRITA NA CIBERCULTURA

Na contemporaneidade, percebe-se que os leitores se encontram imersos na cultura digital. O termo cyberspace, tal como Lemos (2008) descreve, foi criado pelo escritor de ficção científica, chamado Gibson, em 1984, na obra intitulada *Neuromancer*. Gibson considera o ciberespaço como um espaço territorial, formado por uma reunião de redes de computadores, onde navegam as múltiplas informações.

O ciberespaço gibsoniano é uma "alucinação consensual". A Matrix, como chama Gibson, é a mãe, o útero da civilização pós-industrial onde os cibernautas vão penetrar. Ela será povoada pelas mais diversas tribos, onde os cowboys do ciberespaço circulam em busca de informações. A Matrix de Gibson, como toda a sua obra, faz uma caricatura do real, do cotidiano (LEMOS, 2008, p.127)

O ciberespaço tem se configurado como um novo espaço de interações entre culturas. A cibercultura foi denominada por Levy (1999, p. 23) como “específica [...] o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Pierre Lévy ressalta que a cibercultura se trata da cultura dotada de técnicas, atitudes, valores e pensamentos que circulam nesse novo espaço. O autor destaca que o ciberespaço é tido como o meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores:

É o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LEVY, 1999, p. 22)

Assim, para melhor entendermos a cibercultura, faz-se necessário identificar o meio da sua criação, no qual ela emerge e se transforma. O ciberespaço é o espaço que não existe fisicamente, mas, sim, virtualmente, onde ocorre a transmissão de

comunicação, considerado o novo espaço de sociabilidade. Neste sentido, a cultura digital propõe um novo ambiente de leitura, em que há um universo de informações e indivíduos que navegam neste espaço. Diversos textos são produzidos, diferentes registros, documentos históricos podem ser encontrados de modo virtual.

Percebem-se novas ações no ciberespaço, onde as redes possibilitam uma cultura mais participativa. No âmbito educacional, constata-se mudanças significativas nos processos de ensino e aprendizagem, uma vez que agora é possível, a qualquer hora e lugar, que os indivíduos tenham acesso a redes informacionais por meio dos mais variados dispositivos móveis. Qualquer pessoa pode promover interações, bastando criar canais para expressar opiniões, compartilhar conteúdos, vídeos, posts. A leitura se tornou um ato híbrido, no sentido de que há nos textos digitais elementos não verbais como ícones, imagens e outras linguagens típicas desse ato comunicativo. A leitura envolve muitos processos e textos de diferentes naturezas.

Com isso, a linguagem tem ganhado nova roupagem, e novas maneiras de comunicação surgiram devido ao acesso às mídias digitais. A leitura, em meio digital, tem exigido uma ação mais dinâmica, além de certas habilidades essenciais para que os leitores decifrem imagens e outros elementos não verbais que surgem ao longo da leitura, esses textos são tidos como multissemióticos.

Atualmente, o aluno se encontra inserido nesse cenário de cultura digital, podendo ler, receber inúmeros textos e se posicionar perante essas leituras. Para que ocorram todas essas ações, a leitura no meio digital exige habilidades para executar essa prática. Diante desse contexto, há a necessidade de preparação desses leitores.

Rojo (2012) aponta o relevante papel do professor nesse cenário, viabilizando a construção da competência linguística do educando, proporcionando reflexão e leitura crítica de tudo que o cerca. Além do mais, os educadores necessitam de capacitações específicas, a fim de que possam promover a construção do conhecimento utilizando as tecnologias da informação e comunicação. É preciso considerar que o docente é o agente essencial para que ocorra a transformação da realidade dentro da sala de aula.

Com a inserção das tecnologias no contexto escolar, exige-se o conhecimento de novas práticas pedagógicas. Novos termos surgem no cotidiano educacional, tais como: ensino híbrido, leitura híbrida, texto híbrido, como tantas

outras nomenclaturas que comprovam a nova realidade e possibilidades do leitor. José Moran (2015) relata o que significa o termo híbrido:

Híbrido significa misturado, mesclado, blended. A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Esse processo, agora, com a mobilidade e a conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo: é um ecossistema mais aberto e criativo. Podemos ensinar e aprender de inúmeras formas, em todos os momentos, em múltiplos espaços. Híbrido é um conceito rico, apropriado de complicado. Tudo pode ser misturado, combinado, e podemos, com os mesmos ingredientes, preparar diversos “pratos”, com sabores muito diferentes. (MORAN, 2015, p. 9-10)

O autor afirma que muitas questões impactam o ensino híbrido. Hoje, há inúmeras oportunidades oferecidas. Ensinar e aprender nunca foram tão fascinantes, contudo, as dificuldades em conseguir que todos atinjam seu potencial, de modo que ampliem suas habilidades, podem ser percebidas nas instituições educacionais. Diante disso, temos um leitor que transita entre o texto impresso e digital, acessando diferentes suportes de textos.

Segundo Santaella (2011) a leitura está ocorrendo em novos contextos:

[...] fora e além do livro, há uma multiplicidade de tipos de leitores, multiplicidade, aliás, que vem aumentando historicamente. Há, assim, o leitor da imagem, no desenho, pintura, gravura, fotografia. Há leitor do jornal, de revistas. Há o leitor de gráficos, mapas, sistemas de notações. Há o leitor da cidade, leitor da miríade de signos, símbolos de que já falava Baudelaire. Há o leitor-espectador da imagem em movimento, no cinema, televisão e vídeo. (SANTAELLA 2011, p.18)

Neste sentido, encontram-se novos perfis. Leitores que utilizam estratégias de leituras diferenciadas daqueles que não utilizam os recursos tecnológicos. Para transitar no ciberespaço, esse novo leitor deve possuir habilidades específicas, de forma que possa explorar todas as possibilidades disponíveis de informações, a fim de aprimorar o seu texto.

A partir do uso das tecnologias, tem-se uma nova leitura de mundo, um mundo sem fronteiras, em constante transformação. Assim sendo, o leitor moderno se insere numa nova perspectiva de leitura, navegando entre o real e o virtual, perante diversos saberes, e novos gêneros que integram variados recursos semióticos, onde se relacionam palavras, imagens, links, gráficos, designs, em que são viáveis novos modos de ler, com elementos significativos. Por isso, torna-se imprescindível repensar questões pertinentes à leitura, pois o termo letramento que

diz respeito às habilidades de leitura e escrita, já não engloba tantas alternativas que as tecnologias trazem para a leitura. Assim, rediscutir os conceitos de letramento e multiletramentos é fundamental nesta pesquisa.

1.1– Letramento e Multiletramentos

Conforme Soares (2020, p.15), o termo letramento surgiu na segunda metade da década de 1980, a palavra foi inserida ao Vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas. Soares (2020) busca o sentido de letramento da versão para o Português da palavra da língua inglesa literacy:

Letramento ou Literacy é o estado ou condição de que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la (SOARES, 2020, p. 17).

Neste sentido, Soares (2020) descreve letramento:

É esse, pois, o sentido que tem letramento, palavra que criamos traduzindo “ao pé da letra” o inglês literacy: letra- do latim littera, e o sufixo -mento, que denota o resultado de uma ação (como, por exemplo, em ferimento, resultado da ação de ferir). Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 2020, p. 18).

Já Mary Kato (1986) afirma que o termo letramento está relacionado à formação de cidadãos “funcionalmente letrados”, ou seja, cidadãos que possuem a habilidade de saber ler e escrever conforme o contexto das práticas sociais que englobam a leitura e a escrita, as quais se pautam na linguagem como produto cultural e social, atendendo, assim, à demanda social da sociedade que prestigia a língua formal, de prestígio:

A função da escola, na área da linguagem, é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação. Acredito ainda

que a chamada norma padrão, ou língua falada culta, é consequência do letramento, motivo por que, indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita (KATO, 1986, p.7)

Assim, para a autora, o termo “letrado” diz respeito às pessoas que são capazes de utilizar a linguagem escrita para sua necessidade individual do ponto de vista cognitivo e atendendo à demanda social da sociedade que prestigia a língua padrão. Neste sentido, a palavra letramento está associada ao domínio individual do uso da linguagem escrita. Pode-se inferir que o indivíduo letrado é aquele que domina a variedade da língua culta.

Kleiman define letramento como práticas de leitura e escrita: “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p. 19). A autora considera que o letramento se constitui em práticas de leitura e escrita, relacionando o termo com a situação de ensino e aprendizagem da língua escrita por parte de crianças, adolescentes e adultos.

As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita. (KLEIMAN, 1995, p. 19).

Compreende-se, a partir desta concepção, que o letramento corresponde às práticas sociais de leitura e escrita que os indivíduos utilizam para o convívio social. As práticas de leitura e escrita que vão além da alfabetização, as que são utilizadas pelos considerados letrados.

Por sua vez, Leda V. Tfouni (1988) aponta que letramento está centrado nas práticas sociais de leitura e escrita e nas mudanças gerados por essas práticas, em uma sociedade, à medida que os sujeitos se tornam letrados. Dessa forma, a autora situa o letramento no âmbito do social:

O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. [...] tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, neste sentido,

desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social mais amplo. (TFOUNI, 1988, p. 9)

Por este ângulo, o letramento está focado nos aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade. A autora ainda diferencia letramento de alfabetização, afirmando que o letramento está situado no âmbito social, e a alfabetização se situa no âmbito individual:

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isto é levado a efeito, em geral, através do processo de escolarização, e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual. (TFOUNI, 1988, p. 9).

De acordo com Soares (2020, p.16) “Analfabetismo, define o Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, é o “estado ou condição de analfabeto.” Já a ação de alfabetizar, a de ensinar a ler e a escrever é chamada de alfabetização”. Assim, alfabetizado é o indivíduo que sabe ler e escrever. Já letrado significa ser “versado em letras, erudito”, e “iletrado” é “aquele que não tem conhecimentos literários”. Por longos anos, no Brasil, a palavra letramento possuiu significados distintos dos que se atribui atualmente. O analfabeto dizia respeito a quem não sabia ler nem escrever o próprio nome.

No que tange à dimensão social, segundo Soares (2020), aqueles que são tidos como letrados priorizam as habilidades de leitura e de escrita como uma prática social:

Letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social. (SOARES, 2020, p. 72).

Soares (2020, p. 39) ressalta que apropriar-se da escrita é distinto de aprender a ler e a escrever: “aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar a língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua ‘propriedade’.” Pode-se dizer que o letramento envolve dois fenômenos distintos, a leitura e a escrita, e cada um destes, por sua vez, envolve múltiplas habilidades.

Soares (2020, p. 49) aponta “que há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural”:

[...] Assim: ler é um conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos que compõem um longo e complexo continuum: em que ponto desse continuum uma pessoa deve estar, para ser considerada alfabetizada, no que se refere à leitura? A partir de que ponto desse continuum uma pessoa pode ser considerada letrada, no que se refere à leitura?

Escrever é um conjunto de habilidade e comportamentos que se estendem desde simplesmente escrever o próprio nome até escrever uma tese de doutorado... Uma pessoa pode ser capaz de escrever uma argumentação defendendo um ponto de vista, escrever um ensaio sobre determinado assunto... Assim escrever é também um conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos, que compõem um longo e complexo continuum: em que ponto desse continuum uma pessoa deve estar, para ser considerada alfabetizada, no que se refere à escrita? A partir de que ponto desse continuum uma pessoa pode ser considerada letrada, no que se refere à escrita? (SOARES, 2020, p. 48 e 49)

Letramento, segundo Soares (2020 p.18), seria “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. No que se refere à definição do letramento, a UNESCO considerou como fundamento, as habilidades nos usos sociais de leitura e escrita:

Uma pessoa é funcionalmente letrada quando pode participar de todas aquelas atividades nas quais o letramento é necessário para o efetivo funcionamento de seu grupo e comunidade e, também, para capacitá-la a continuar usando a leitura, a escrita e o cálculo para seu desenvolvimento e o de sua comunidade. (UNESCO, 1978^a, p.1 apud SOARES, 2020, p. 73).

Atendendo às práticas sociais, que se trata dos costumes e modos de viver em uma sociedade, correspondendo à maneira pela qual as pessoas interagem entre si e com o meio ambiente, considera-se fundamental saber utilizar tanto a leitura quanto a escrita de modo eficaz, priorizar o letramento em sua dimensão social. Segundo Soares (2020, p. 72) é, sobretudo, uma prática social que considera o letramento como “o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se desenvolvem em seu contexto social”. Nesta concepção, é fundamental que sejam criadas condições para o desenvolvimento do letramento no espaço escolar, de modo que seja viável viver de modo ativo em sociedade:

A necessidade de habilidades de letramento na nossa vida diária é óbvia, no emprego, passeando pela cidade, fazendo compras, todos encontramos situações que requerem o uso da leitura ou a produção de símbolos escritos. Não é necessário apresentar justificativas para insistir que as escolas são obrigadas a desenvolver nas crianças habilidades de letramento que as tornarão aptas a responder a estas demandas sociais cotidianas. (...). (SCRIBNER apud SOARES, 2020, p. 73 e 74).

Para tanto, é essencial que a escola esteja alinhada com todo o processo educativo. Trata-se do local primordial em que o estudante desenvolverá suas habilidades: como buscar informações de maneira autônoma, comunicar-se utilizando múltiplas linguagens, inclusive, ser capaz de utilizar recursos digitais, além de aprender a exercer sua cidadania na vida pública. O espaço escolar é, sem dúvida, relevante, principalmente, para comunidades em que há o baixo letramento.

Assim, cabe reflexão a respeito do saber que é ensinado na escola. Faz-se necessário que haja um trabalho fundamentado na proposta de letramento, a fim de ser possível o desenvolvimento das habilidades necessárias às práticas de leitura e de escrita de forma eficiente, permitindo que o educando, por meio da leitura e da escrita, seja capaz de transformar o mundo, agindo ativamente na sociedade, de modo a atender às exigências sociais. Kleiman (2007) considera a escola agência de letramento por excelência:

Acredito que é na escola, agência de letramento por excelência de nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas e, portanto, acredito também na pertinência de assumir o letramento, ou melhor, os múltiplos letramentos da vida social, como o objetivo estruturante do trabalho escolar em todos os ciclos. (KLEIMAN, 2007, p. 4).

Para que o letramento neste ambiente seja considerado eficaz, é preciso implantar uma cultura de práticas de leitura e de escrita destinada à formação crítica dos educandos. Para Ribeiro (2012, p. 37), os espaços, os quais direcionam as práticas sociais dos indivíduos para promover inúmeros letramentos, podem ser chamados de agências de letramento. A intenção é que a escola, como agência de letramento, permita que os educandos possam vivenciar as mais diversificadas atividades de leitura.

Por estarmos diante de novos tempos, constata-se mudanças expressivas nos modos de relacionamentos, linguagens e escrita. A chegada de novas tecnologias tem contribuído para este cenário. Sendo assim, há novos desafios educacionais que precisam ser vencidos em relação aos novos letramentos e suas

teorias. Por isso, são imprescindíveis novos e (multi) letramentos. Rojo e Moura (2012) destacam que há dois tipos específicos de multiplicidade na sociedade:

O conceito de multiletramentos aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO; MOURA, 2012, p. 13).

Verifica-se, atualmente, a multiplicidade de linguagens, mídias e recursos tecnológicos disponíveis para o acesso de informações. Diante dessa conjuntura, é preciso ler e escrever utilizando novos recursos tecnológicos. Assim, no sentido da diversidade cultural de produção e circulação dos textos, Rojo e Moura (2012, p. 23) ressaltam que os multiletramentos possuem algumas peculiaridades relevantes: a) são interativos (colaborativos); b) fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas; e c) são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

Dessa forma, a palavra multiletramentos foi criada “para abranger esses dois ‘multi’ – a multiculturalidade, característica das sociedades globalizadas e a multimodalidade - dos textos por meio dos quais a multiculturalidade se comunica e informa” (ROJO; MOURA, 2012, p.13). Para as autoras, os multiletramentos estão associados à multiplicidade cultural e à multiplicidade semiótica de construção dos textos.

Rojo salienta ainda que o conceito de multiletramentos difere do conceito de letramentos múltiplos. Este aponta para a multiplicidade e variedade das práticas letradas. Já aquele diz respeito aos dois tipos específicos de multiplicidades presentes em nossas sociedades, na contemporaneidade (ROJO, 2012, p. 13) afirma que: “a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica”. Assim, a autora acredita ser fundamental a necessidade de “novos e multiletramentos”, ou melhor, novas ferramentas além da escrita manual e impressa, que comportem meios para criação, como áudio, edição e diagramação. Desta maneira, o funcionamento desses novos textos requer letramentos de caráter não multi, mas, sim, hiper: hipertextos, hiperímias.

Neste viés, tem-se a necessidade de a escola inserir novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea: “levar em conta e incluir nos currículos a

grande variedade de culturas já presentes nas salas de aula de um mundo globalizado e caracterizada pela intolerância na convivência com a diversidade cultural, com a alteridade” (ROJO; MOURA, 2012, p. 12). Vale considerar as novas práticas de cultura que circulam no ambiente virtual, assim como as práticas discursivas multimodais, que são permeadas de discursos compostos por distintos modos semióticos, como som, imagem, vídeo e texto escrito.

Tornam-se necessárias as mudanças nas formas de ensino, para que os educandos tenham o desejo de buscar novas informações e refletir criticamente sobre os conteúdos. Segundo Rojo e Moura (2012):

Se levarmos em conta a gama diversa de textos disponíveis, a escola ainda se restringe ao texto impresso e não prepara o aluno para a leitura de textos em diferentes mídias. É de suma importância que a escola proporcione aos alunos o contato com diferentes gêneros, suportes e mídias de textos escritos, através, por exemplo, da vivência e do conhecimento dos espaços de circulação dos textos, das formas de aquisição e acesso aos textos e dos diversos suportes da escrita. Ela também pode incorporar cada vez mais o uso das tecnologias digitais para que os alunos e os educadores possam aprender a ler, escrever e expressar-se por meio delas. (ROJO; MOURA, 2012, p. 36)

As autoras ressaltam a importância do preparo dos alunos a fim de que tenham a habilidade para lerem textos em diferentes mídias. Desta maneira, o contato com diferentes gêneros, suportes e mídias de textos escritos facilita o aprendizado. Incorporar as tecnologias digitais ao ensino permite um aprendizado eficaz tanto para alunos quanto para os professores, porque viabiliza o desenvolvimento de processos de ensino e de aprendizagens criativos, envolventes, inteligentes, colaborativos, práticos e significativos. A educação deve privilegiar os recursos tecnológicos para a promoção de práticas educativas eficazes.

Os textos contemporâneos estão compostos pela multimodalidade ou multissemiose, melhor dizendo, “textos compostos de muitas linguagens (ou modos ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas [...] para fazer significar” (ROJO; MOURA, 2012, p. 19). As tecnologias trazem para a leitura diversas possibilidades que requerem habilidades específicas para o seu manuseio. É nesse contexto permeado de múltiplas informações e das necessidades de novas desenvolturas de leitura que os gêneros multissemióticos e multimodais se revelam essenciais para auxiliar no desenvolvimento da compreensão leitora.

Segundo Dionísio (2005), a multimodalidade acontece quando um texto mostra integração entre duas formas de representação textual, por exemplo, entre imagens e texto escrito, numa mistura de características semânticas, verbais e não verbais. A autora ressalta:

Ao lermos um texto manuscrito, um texto impresso numa página de revista ou tela de computador, estamos envolvidos numa comunicação multimodal. Consequentemente, os gêneros textuais, falados e escritos são também multimodais, porque, quando falamos ou escrevemos um texto, usamos, no mínimo, dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografia, palavras e sorrisos, palavras e animações etc. (DIONÍSIO, 2005, p. 178).

Verifica-se que, atualmente, as características da multimodalidade estão presentes no modo de comunicação entre as pessoas, principalmente, nas linguagens utilizadas pelas redes sociais. O simples fato de lermos uma página impressa de revista ou através da tela do computador evidencia que nos encontramos cercados de comunicação multimodal. Neste sentido, desde que utilizadas de forma adequada, a linguagem multimodal - aquela que integra som, imagem, texto e animação - oferece muitas vantagens ao contexto educativo, cooperando com o processo de ensino aprendizagem.

À vista disso, levando em conta que vivemos em uma sociedade tecnológica, as linguagens interativas aplicadas à educação propiciam o desenvolvimento das diferentes maneiras de tratar e entender variados assuntos, favorecendo, assim, a aquisição de conhecimentos, competências e habilidades. Tais recursos permitem que professores e alunos trabalhem de forma colaborativa para produzir conhecimentos.

Vale destacar que o trabalho pedagógico baseado na colaboração pode trazer inúmeras contribuições no processo de ensino-aprendizagem, tais como: preparar o educando para que exerçam direitos e deveres em sociedade, estimulando o pensamento crítico e mostrar ferramentas para que ele possa desenvolver a competência para solucionar problemas. Neste sentido, considera-se imprescindível a reflexão a respeito da aprendizagem colaborativa.

1.2– Aprendizagem Colaborativa

Trabalhar em conjunto é fundamental, pois é por meio da interação, das trocas, ou melhor, através da colaboração é viável refletir e construir o conhecimento. A aprendizagem colaborativa propõe uma educação mais participativa, priorizando a aprendizagem do aluno. Nesta, os estudantes trabalham unidos, em grupos menores, buscando o mesmo objetivo. A intenção é a de promover a interação entre os participantes, com a finalidade de se ampliar conhecimentos e saberes. As atividades desenvolvidas de forma colaborativa promovem o letramento crítico.

Um dos fundamentos desta aprendizagem é defender que o conhecimento é construído socialmente, por meio da interação entre os indivíduos. Desta forma, o processo de ensino-aprendizagem considera a experiência e o conhecimento de cada aluno, sendo o professor responsável por conduzir o processo, criando ambientes favoráveis para que possa desenvolver suas habilidades sociais e cognitivas.

Essa abordagem colaborativa não é recente, Piaget (1983) e Vygotsky (1989), em seus estudos sobre a aprendizagem, defendiam que o conhecimento se dá pela experiência, pela interação entre os indivíduos, bem como por meio do compartilhamento de ideias. A teoria de aprendizagem de Vygotsky é chamada de socio construtivismo e seus temas centrais são o desenvolvimento humano e a aprendizagem. Para ele, o contexto social é fundamental no que tange ao desenvolvimento cognitivo. Já a teoria de Piaget defende que os sujeitos possuem papel ativo na construção de seu conhecimento, de maneira que o trabalho em grupo traga contribuições relevantes. Os estudos destes teóricos sobre a construção do conhecimento corroboram para que as práticas educativas sejam repensadas e possam contribuir para a formação dos educandos.

A aprendizagem colaborativa pode ser implementada nas aulas como estratégia para o ensino. Segundo Moran (2015, p. 33) “Em um mundo tão dinâmico, de múltiplas linguagens, telas, grupos e culturas, cada um de nós precisa – junto com todas as interações sociais – encontrar tempo para aprofundar, refletir, reelaborar, produzir e fazer novas sínteses”. Entende-se, assim, que o conhecimento

é construído através da interação, por meio de práticas sociais, não cabendo ser transmitido tal como é feito no ensino tradicional.

Nesta perspectiva, a aprendizagem colaborativa foca na aprendizagem do aluno, descartando o ensino de conteúdos de modo tradicional. O professor é cooperador e mais flexível, possibilitando ambientes favoráveis para o acesso a informações. Vale destacar a importância das tecnologias digitais para se trabalhar de modo interativo e cooperativo. Moran (2015, p.6) ressalta que “as tecnologias facilitam a aprendizagem colaborativa (...). Cada vez adquire mais importância a comunicação entre pares, entre iguais, dos alunos entre si, trocando informações, participando de atividades em conjunto, resolvendo desafios, realizando projetos, avaliando-se mutuamente”. Nesta abordagem, constata-se que as tecnologias digitais são essenciais para que se promovam diferentes possibilidades de aprendizagens, colaborando para que os alunos aprendam mais e de forma significativa.

Nos dias de hoje, temos a presença, nas escolas e universidades, da aprendizagem colaborativa. Como vimos, este método de aprendizagem tem como fundamento um ensino baseado em interação, neste sentido, os educandos compartilham e constroem seus próprios caminhos de aprendizagem. A intenção neste processo é o de gerar autonomia, tornando os estudantes mais criativos, dinâmicos e críticos.

Importante frisar que apesar de a Base Nacional Curricular (BNCC) não mencionar diretamente o termo aprendizagem colaborativa, o documento valoriza a colaboração, como também a empatia em sala de aula, incentivando a autonomia, o autoconhecimento e o protagonismo dos alunos. A aprendizagem colaborativa pode ser vista como uma estratégia, pois traz diversos benefícios ao ensino, despertando o interesse dos estudantes e preparando-os para os desafios do futuro.

Segundo Torres, Alcantar e Irala (2004, p. 131), a “aprendizagem colaborativa é uma estratégia de ensino que encoraja a participação do estudante no processo de aprendizagem e que faz da aprendizagem um processo ativo e efetivo”. Deste modo, a colaboração entre as pessoas facilita a aprendizagem de conteúdos, gera novas relações entre os envolvidos e favorece a troca de experiências, tornando o processo educativo mais ativo e eficaz.

Desta maneira, baseada na participação ativa dos estudantes no que diz respeito ao processo de construção do conhecimento, a leitura e a escrita são

práticas fundamentais que corroboram para a formação de um leitor/escritor mais competente, crítico e dinâmico. Por meio da colaboração, a ação de ler e escrever se transforma em uma prática social em que os educandos produzem juntos novos saberes, dialogando, expondo ideias e argumentos, atribuindo, assim, novos significados ao aprendizado. Destarte, torna-se relevante refletir sobre as práticas de leitura e escrita.

1.3 – Práticas de leitura e Escrita

Ler é fundamental, a leitura possibilita aos educandos uma maior reflexão a respeito dos usos, bem como das funções da linguagem. Além do mais, a leitura e a escrita têm papel fundamental para inserir o ser humano na sociedade. Esta e aquela favorecem a ampliação do vocabulário, permitem descobertas, maior criticidade e práticas sociais eficazes. De acordo com Rojo (2009), as capacidades que envolvem leitura e escrita são múltiplas e variadas:

[...] Para ler, por exemplo, não basta conhecer o alfabeto e decodificar letras em sons da fala. É preciso também compreender o que se lê, isto é, acionar o conhecimento de mundo para relacioná-lo com os temas do texto, inclusive o conhecimento de outros textos/discursos (intertextualizar), prever, hipotetizar, inferir, comparar informações, generalizar. É preciso também interpretar, criticar, dialogar com o texto: contrapor a ele seu próprio ponto de vista, detectando o ponto de vista e a ideologia do autor, situando o texto em seu contexto[...] (ROJO, 2009, p. 44).

À vista disso, lendo é que o aluno tem a possibilidade de contrastar seu pensamento, de partilhar conteúdos e, com essa postura, ampliar sua visão e amadurecer intelectualmente, expandindo seu vocabulário. Todavia, muitos alunos não veem sentido nessa prática, naturalmente, pela resistência em ler, confirmando grande aversão à leitura. Além disso, em muitos casos, o aluno até reconhece as palavras, entretanto possui dificuldades em alcançar o sentido delas, não compreendendo o que é lido.

Sendo assim, percebe-se que a leitura corrobora para que o aluno construa textos melhores, pois a escrita depende do desenvolvimento da leitura. É preciso que o educando utilize dinamicamente os elementos linguísticos e os recursos expressivos. A produção de textos se trata de uma construção, exigindo

planejamento, leitura e, também, reescrita, favorecendo reflexões sobre seus textos.

Conforme Antunes:

O ideal é que se crie, com os alunos, a prática do planejamento, a prática do rascunho, a prática das revisões, de maneira que as primeiras versões de seus textos tenham sempre um caráter de provisão provisória, e os alunos possam viver, como coisa natural, a experiência de fazer e refazer seus textos, tantas vezes sejam necessárias, assim, como fazem aqueles que se preocupam com a qualidade do que se escrevem. (ANTUNES, 2003, p. 64-65).

Ao utilizarem essa prática no cotidiano escolar, os alunos perceberão o verdadeiro sentido da produção textual, saberão se posicionar criticamente em diversas situações e produzirão bons textos, dominando seus discursos e realizando suas próprias escolhas. O letramento é fundamental, pois envolve os usos e as práticas sociais de linguagem, abarcando a escrita e valorizando os contextos sociais.

Rojo (2009) expõe os estudos a respeito do letramento que foram realizados por Brian Street. Conforme o autor (1993, apud Rojo, 2009, p. 99), há dois enfoques para letramentos: autônomo e ideológico. O enfoque autônomo contempla o letramento “em termos técnicos, tratando-o como independente do contexto social, uma variável autônoma, cujas consequências para a sociedade e a cognição são derivadas de sua natureza intrínseca”. Neste sentido, o contato com a escrita, no ambiente escolar, permitiria que o indivíduo aprendesse habilidades que o levariam a estágios universais de desenvolvimento. Já o enfoque ideológico “vê as práticas de letramento como indissoluvelmente ligadas às estruturas culturais e de poder da sociedade e reconhece a variedade de práticas culturais associadas à leitura e à escrita em diferentes contextos”. Assim, verifica-se a indivisibilidade entre letramento e as estruturas sociais, confirmando os letramentos múltiplos.

Depreende-se que Rojo (2009) fala a respeito de desenvolvimento de competências de leitura e escrita, aprofundando o conceito de níveis de alfabetismo, como, também, detalha as competências e habilidades requeridas de leitura e escrita exigidas nas práticas de sociais de letramentos. A autora destaca a necessidade de que a linguagem dê conta das atribuições da vida:

Assim, trata-se agora de dar conta das demandas da vida, da cidadania e do trabalho numa sociedade globalizada e de alta circulação de comunicação e informação, sem perda da ética plural e democrática, por

meio do fortalecimento das identidades e da tolerância às diferenças. Para tal, são requeridas uma visão situada de língua em uso, linguagem e texto e práticas didáticas plurais e multimodais, que as diferentes teorias de texto e de gêneros favorecem e possibilitam. (ROJO, 2009, p. 89 e 90).

As práticas didáticas plurais e multimodais são essenciais, a fim de seja viável o fortalecimento das identidades e tolerância às diferenças. Desse modo, para que a comunicação seja eficiente, sem perda da ética plural e democrática, é requerida uma visão privilegiada da língua em uso, de modo que a linguagem seja adequada para cada situação vivenciada.

Devido às diversas práticas de leitura e escrita que circulam na sociedade atual, a escola deve possibilitar aos alunos práticas escolares que facilitem na formação de leitores mais autônomos, de modo que exerçam, com eficácia, suas atividades, interagindo de modo crítico, tal como Rojo (2009, p. 107) aponta que possam “[...] participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática”. Por isso, autora destaca que é preciso trabalhar com os letramentos múltiplos, com os letramentos multissemióticos e com os letramentos críticos e protagonistas.

Nesta lógica, aprimorar o olhar do aluno é fundamental, a fim de que este não seja passivo diante das leituras que lhe são apresentadas. Há múltiplas ferramentas online que podem ser utilizadas para que a leitura tenha maior significação, como por exemplo, dicionários, sites que viabilizam a exploração do contexto histórico, interação entre leitores, plataformas e softwares de comunicação simultânea etc.

O educador como mediador do processo precisa agir de modo consciente, relacionando os conhecimentos do aluno no desenvolvimento de sua compreensão leitora. A prática de leitura com o auxílio da tecnologia digital apresenta transformações no que concerne à leitura de textos impressos, o leitor pode ressignificar o ato da leitura. Rojo (2002, p. 27) entende que “a leitura é um processo de representação e um ato de cognição, que envolve conhecimento de mundo, conhecimento de práticas sociais e conhecimentos linguísticos muito além dos fonemas”. Assim, todo o conhecimento deve ser valorizado e utilizado para a ampliação das práticas leitoras.

Os letramentos múltiplos, para Rojo (2009, p. 107), seriam deixar de “ignorar ou apagar os letramentos das culturas locais de seus agentes (professores, alunos, comunidade escolar) e colocando-os em contato com os letramentos valorizados,

universais e institucionais”. Desta maneira, há a necessidade de integração entre todas as variedades de práticas de leitura e de escrita que circulam na sociedade.

São fundamentais, também, os letramentos multissemióticos, pois, segundo Rojo (2009, p. 107) são “exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita”. Estes seriam os vários gêneros textuais, que circulam na sociedade globalizada.

Não menos importante, por sua vez, os letramentos críticos consoante com Rojo (2009, p. 108) são “requeridos para o trato ético dos discursos em uma sociedade saturada de textos e que não pode lidar com eles de maneira instantânea, amorfa e alienada”. Os letramentos críticos favorecem uma leitura crítica diante de todas as informações acessadas, colaborando para a reflexão acerca variedade linguística e cultural em diversos contextos sociais.

Diante de novas formas de produzir discursos, bem como pela velocidade que os textos circulam através da internet, é de extrema relevância abordar o letramento crítico. Essas mudanças na forma de ler e escrever vêm trazendo transformações nos modos de ensino. Rojo (2009) aponta que será preciso expandir e democratizar as práticas e eventos de letramentos que ocorrem no contexto escolar. Será essencial o trabalho com os letramentos múltiplos para a capacitação do educando, principalmente, no que tange às novas exigências sociais de leitura e escrita. Como diz a autora no prólogo: “defendo que um dos objetivos principais da escola é possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática”. (ROJO, 2009, p.11)

Koch e Elias (2018) falam acerca do estabelecimento da ponte entre teorias e prática de ensino. Para isso, são selecionados e analisados inúmeros gêneros textuais. Elas apresentam exemplos comentados, objetivando demonstrar os conceitos teóricos abordados, facilitando a compreensão. Dessa maneira, a meta é a de estabelecer uma ponte entre teorias sobre o texto e escrita e práticas de ensino. Nessa perspectiva, a produção de linguagem é tida como:

Uma atividade interativa altamente complexa, em que a construção de sentidos se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos selecionados pelos enunciadores e na sua forma de organização, mas que requer, por parte destes, não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes de ordem sociocognitiva, cultural, histórica, de todo

o contexto, enfim, como também – e sobretudo – a sua reconstrução no momento da interação. (KOCHE ELIAS, 2018, p. 10)

Koch e Elias (2018) destacam que a escrita não é compreendida somente na apropriação das regras da língua, mas, sim, no que concerne à interação escritor-leitor:

Nessa concepção interacional (dialógica) da língua, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, este considerado um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais. (BEAUGRANDE, 1997 apud KOCH E ELIAS, 2018, p. 34)

Escrever é uma tarefa que requer habilidades linguísticas, cognitivas, sociais e interacionais. Vale considerar aspectos primordiais para que se construa um texto eficiente no propósito comunicativo. Pode-se dizer que, em situação de interação, devem-se considerar os conhecimentos compartilhados, o contexto, os aspectos históricos e culturais, além dos papéis assumidos em sociedade. A escrita é um processo trabalhoso e exige do escritor uma série de fatores, Koch e Elias citam uma série deles, como:

Tema, objetivo, sujeito leitor, gênero textual, seleção e organização das ideias de acordo com o tema e objetivo determinados. Além disso, destacam-se aspectos composicionais e estilísticos do gênero textual a ser produzido, pressuposição de conhecimentos partilhados com o leitor, a fim de garantir o equilíbrio entre informações novas e dadas, revisão da escrita durante e após a sua constituição para cortes, ajustes ou complementações, visto que o texto escrito, uma vez finalizado, ganha “independência” do seu autor/escritor. (KOCH E ELIAS, 2018, p. 77)

Confirma-se a exigência de um vasto conhecimento por parte do escritor, para que seja construído um texto adequado às necessidades comunicativas. Conhecimentos de mundo e saber usar a língua adequadamente em diversas situações contribuem para que as práticas comunicativas sejam estabelecidas. Para que haja uma produção escrita de qualidade, devemos considerar, em especial, os aspectos contextuais. É necessário o domínio de muitas estratégias:

- ativação de conhecimentos sobre os componentes da situação comunicativa (interlocutores, tópico a ser desenvolvido e configuração textual adequada à interação em foco);
- seleção, organização e desenvolvimento das ideias, de modo a garantir a continuidade do tema e sua progressão;

- “balanceamento” entre informações explícitas e implícitas, entre informações “novas” e “dadas”, levando em conta o compartilhamento de informações com o leitor e o objetivo da escrita;
- revisão da escrita ao longo de todo o processo, guiada pelo objetivo da produção e pela interação que o escritor pretende estabelecer com o leitor. (KOCH E ELIAS, 2018, p. 34)

Verifica-se que o sentido da escrita é produto dessa interação, não bastando saber utilizar o código. Mais que isso, a escrita requer um vasto conhecimento do escritor, sendo uma construção que exige organização, competências e habilidades. Escrever não é uma tarefa fácil, visto que envolve aspectos de natureza linguística, cognitiva, pragmática, sócio-histórica e cultural.

Além da competência linguística, o insucesso da escrita, conforme Antunes (2009) pode vir de outros fatores: “Ou seja, tem raízes na contingência daquela intertextualidade não estimulada, da não providenciada na escola, que se satisfaz na rotina de escrever textos sem discussão prévia de informações e dados, sem planejamento, sem rascunhos, imobilizada numa única versão, em geral, improvisada” (ANTUNES, 2009, p.167).

É preciso que o aluno seja estimulado para ampliar seu repertório, permitindo que tenha acesso a diversas informações, enriquecendo suas ideias, refletindo e debatendo sobre o tema proposto. Dessa forma, será possível o desenvolvimento de sua competência para a escrita. A intenção é ampliar o potencial crítico e reflexivo do educando. Usar a escrita é essencial para que ocorra o letramento como prática social.

1.4 – Hipertexto

Diante da expansão da internet e das tecnologias digitais, tem-se, no ciberespaço, novas formas de comunicação, uma infinidade de leitura e escrita. Hoje, as pessoas podem ter acesso às informações de forma simultânea. Diante disso, cabe à escola e ao professor selecionar as informações que poderão contribuir para o processo de ensino e aprendizagem. Por este motivo, conforme abordam Vilaça e Araújo (2016), é fundamental refletir sobre a cibercultura e a comunicação. Tal como aponta Pierre Lévy ao pensar sobre a cibercultura:

Em primeiro lugar, o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. (LÉVY, 2010, p. 11 apud VILAÇA E ARAÚJO, 2016, p.128)

Segundo o mesmo autor, o ciberespaço possibilita 1) “formas de comunicações diferentes”; e 2) “novo espaço de comunicação” (LÉVY, 2010, p. 11 apud VILAÇA E ARAÚJO, 2016, p. 128). Nessa perspectiva, é possível compreender as chamadas web 2.0 e 3.0, nas quais os usuários podem usufruir de informações, divulgar, produzir e usar de modo colaborativo. Segundo Vilaça e Araújo, a web 2.0 se trata de “uma internet ativa da “escrita” e da “fala” – e produtiva e geradora de informações e conteúdos. A internet ajudou a dar voz, visão e visibilidade a diferentes questões sociais” (VILAÇA E ARAÚJO, 2016, p. 133). Já a web 3.0 se trata da web contemporânea, organizada de forma semântica, mais personalizada para cada usuário, com sites e aplicações inteligentes e publicidade baseada nas pesquisas e comportamentos.

O modo de ler também tem se transformado com a chegada de tantos recursos digitais. A leitura pode ser realizada em diversos formatos através de dispositivos conectados à internet: por meio do hipertexto, do texto multimodal, possibilitando a prática de multiletramentos, da colaboração e o engajamento do leitor.

Desta forma, ao tratarmos a respeito de leituras em suportes digitais, é essencial mencionarmos o hipertexto. O vocábulo “hipertexto” foi cunhado por Ted Nelson em 1964, nos Estados Unidos, a fim de se abordar a uma escrita eletrônica de forma não sequencial e não linear praticada em um novo espaço (MARCUSCHI, 2007, p. 146).

Vale destacar que o hipertexto é uma forma organizacional, que pode ser encontrada no papel, conquanto seja comum relacioná-lo aos textos virtuais. Entender o hipertexto é relevante, ao passo que permite que os leitores venham interagir de modo dinâmico com a informação e o conhecimento. Trazê-lo para o ambiente escolar promove um processo de leitura mais interativo e colaborativo, sendo fundamental para a disseminação da cultura. Trata-se de um tipo de intertextualidade que está associado, justamente, com o aprimoramento das formas

de leitura e organização da escrita, ratificando assim as muitas transformações pelas quais passaram, ao longo da história, o texto e o leitor. Conforme Xavier:

A incorporação hipertextos nos processos educacionais é uma opção que o professor atual deve levar em conta, dada a interatividade, a facilidade no acesso à informação e a comunicação dinâmica que eles proporcionam; tornando-se, pois, uma ótima opção para a construção de diferenciais positivos nos processos educacionais. (XAVIER, 2005, p. 175-176).

O processo educativo se torna mais interativo quando o educando pode, a partir da sua relação com o texto, escolher o melhor caminho para construir o conhecimento para a sua aprendizagem, considerando o que é mais essencial, sobretudo, não sendo só um leitor, mas um autor. Como aborda Marcuschi (2011), essas novas formas textuais acabam por afetar o modo como escrevemos, propiciando a distribuição da inteligência e cognição, reduzindo a fronteira entre o leitor e o escritor, sendo um espaço aberto em que é viável transformar a escrita numa atividade colaborativa.

Diferentemente do texto impresso, que pode ser escrito e lido de forma linear, o hipertexto, tal como defende Lévy (1994), apresenta suas peculiaridades: a escrita e a leitura acontecem de forma multilinear e multissequencial. Neste, o leitor decide o início e o fim, bastando sentir-se informado. Assim, o hipertexto pode ser entendido como:

[...] um conjunto de nós conectados pelas ligações. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem ser, eles próprios, hipertextos. Os itens de informação não estão ligados linearmente, como numa corda com nós: cada um deles, ou a maior parte estende as suas ligações em estrela, de modo reticular. (LÉVY 1994, p. 33).

Para Pierre Lévy, o hipertexto é constituído por nós, ou melhor, os elementos de informação, os parágrafos, as páginas, as imagens, dentre outros. O autor compreende que o hipertexto se opõe ao texto linear, não há um foco dominante, as informações podem ser acessadas em qualquer momento. Apreende-se que o hipertexto é um texto em formato digital, composto por blocos elementares, podendo ser analisados simultaneamente na tela. Assim, Lévy afirma que o hipertexto é:

Um texto em formato digital, reconfigurável e fluido. Ele é composto por blocos elementares ligados por links que podem ser explorados em tempo real na tela. A noção de hiperdocumento generaliza, para todas

as categorias de signo (imagens, animações, sons etc.), o princípio da mensagem em rede móvel que caracteriza o hipertexto. (LÉVY, 1999, p. 27)

Xavier (2005) entende hipertexto como:

Uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade. (Xavier, 2005, p.171)

Nesta perspectiva, o hipertexto possibilita uma interface de informações por meio de acionamento de links, permitindo ao leitor uma leitura significativa. Por hipertexto, Kalinke entende:

Navegação a partir de textos, imagens, vídeos e quaisquer outros elementos que permitam acessar novas informações de forma interativa e direta. Utilizando os hipertextos, cada aluno pode seguir por caminhos diferentes dentro de um mesmo assunto, chegando a resultados semelhantes, mas de forma individualizada, que respeite as suas particularidades e especificidades. (KALINE, 2003, p.43)

Já Leão (2001, p.15) define hipertexto sendo “um documento digital composto por diferentes blocos de informações interconectadas. Essas informações são amarradas por meio de elos associativos, os links”. Por meio dos links, segundo a autora, o usuário pode conduzir a leitura da forma desejada.

Por sua vez, Koch (2003, p. 67) aponta que “O hipertexto é, por natureza e essência, intertextual” e, por ampliação, pode-se dizer “essencialmente polifônico e dialógico”. Um texto considerado múltiplo que sobrepõe outros textos, sendo “simultaneamente acessíveis ao simples toque do mouse”. Constitui-se, assim, uma nova realidade cultural, nova maneira de relacionar à escrita. Koch cita glossário do Hypertext/Hypermedia Handbook, de Berk e Devlin (1991) para explicitar o verbete Hipertexto:

Hipertexto: a tecnologia de leitura e escrita não-sequenciais. O termo hipertexto refere-se a uma técnica, uma estrutura de dados e uma interface de usuário. [...] Um hipertexto (ou hiperdocumento) é uma coleção de textos, imagens e sons – nós – ligados por atalhos eletrônicos para formar um sistema cuja existência depende do computador. O usuário/leitor caminha de um nó para outro, seguindo atalhos estabelecidos ou criando outros novos. (BERK; DEVLIN, 1991, p.543 apud KOCH, 2007, p.24)

Os autores consideram o hipertexto como uma coleção de textos, imagens e sons, os chamados “nós” que são ligados por atalhos eletrônicos, a fim de se criar um sistema que para existir precisa do computador. A tecnologia de leitura e escrita não-sequenciais. Marcuschi (2011) cita v. Snyder, 1997, a fim de afirmar que o hipertexto perturba nossa noção linear de texto:

Em certo sentido, o hipertexto perturba nossa noção linear de texto rompendo a estrutura convencional e as expectativas a ela associadas (v. Snyder, 1997, p. 17). A ordem das informações não está dada na própria estrutura da escrita. Diferentemente do que o texto de um livro convencional, o hipertexto não tem uma única ordem de ser lido. A leitura pode dar-se em muitas ordens. Tem múltiplas entradas e múltiplas formas de prosseguir. Há maior liberdade de navegação pelas informações como se estivéssemos imersos num continuum de discursos espalhados por imensas redes digitais. (MARCUSCHI, 2011, p. 8)

Pode-se afirmar de uma forma simples que o hipertexto é definido por uma escritura não sequencial e não linear, possibilitando ao leitor virtual um acesso infinito aos demais textos e escolhas de acordo com seus interesses. A partir das conceituações vistas, o hipertexto possui diversas características, sendo sua característica principal a não linearidade, considerando a possibilidade de uma leitura não sequenciada. Marcuschi cita as especificidades do hipertexto:

- (a) O hipertexto é um texto não-linear: apresenta uma flexibilidade desenvolvida na forma de ligações permitidas/sugeridas entre nós que constituem redes que permitem a elaboração de vias navegáveis (Nelson, 1991); a não linearidade é tida como a característica central do hipertexto;
- (b) O hipertexto é um texto volátil: não tem a mesma estabilidade dos textos de livros, por exemplo (Bolter, 1991:31), e todas as escolhas são tão passageiras quanto às conexões estabelecidas por seus leitores, sendo um fenômeno essencialmente virtual;
- (c) O hipertexto é um texto topográfico: não é hierárquico nem tópico, por isso ele é topográfico (Bolter, 1991, p. 25); um espaço de escritura e leitura que não tem limites definidos para se desenvolver; esta é uma característica inovadora já que desestabiliza os frames ou ‘enquadres’ de que dispomos para identificar limites textuais;
- (d) O hipertexto é um texto fragmentário: consiste na constante ligação de porções em geral breves com sempre possíveis retornos ou fugas; carece de um centro regulador imanente, já que o autor não tem mais controle do tópico e do leitor;
- (e) O hipertexto é um texto de acessibilidade ilimitada: acessa todo tipo de fonte, sejam elas dicionários, enciclopédias, museus, obras científicas, literárias, arquitetônicas etc. e, em princípio, não experimenta limites quanto às ligações que permite estabelecer;
- (f) O hipertexto é um texto multisemiótico: caracteriza-se pela possibilidade de interconectar simultaneamente a linguagem verbal com

a não-verbal (musical, cinematográfica, visual e gestual) de forma integrativa, impossível no caso do livro impresso (Bolter, 1991, p. 27);
(g) O hipertexto é um texto interativo: procede pela interconexão interativa (Bolter, 1991, p. 27) que, por um lado, é propiciada pela multissemiose e pela acessibilidade ilimitada e, por outro lado, pela contínua relação de um leitor navegador com múltiplos autores em quase sobre posição em tempo real, chegando a simular uma interação verbal face-a-face; (MARCUSCHI, 2011, p. 14 e 15)

Analisando as definições propostas pelos pesquisadores, percebe-se que o hipertexto se destaca por sua interatividade, bem como por sua composição não sequencial e fragmentada, possibilitando ao leitor acessar de forma simultânea uma diversidade de textos. Neste seguimento, a leitura hipertextual possui suas peculiaridades, permitindo que seu leitor tenha certa emancipação interpretativa, à medida que se torna coautor ao participar na produção, atualização e ressignificação do texto.

Além disso, os hipertextos viabilizam múltiplas informações, por meio dos links, e tendem a favorecer o enriquecimento da pesquisa, contribuindo para a democratização do conhecimento.

Acredita-se que o uso dessa tecnologia no ambiente escolar gere novos tipos de aprendizagem, que fomenta investigação e desperta o interesse dos educandos. Além disso, reduz a distância entre leitor e escritor, tornando-os parte do mesmo processo, permitindo que a escrita seja uma atividade mais coletiva e colaborativa.

Com a presença das tecnologias digitais em nosso cotidiano, a leitura e a escrita têm sido praticadas exaustivamente. Precisa-se repensar qual a função da linguagem em meio a diversos gêneros digitais e como o professor de língua pode atuar nos processos de leitura hipertextual e escrita digital. O surgimento da Internet ampliou as modalidades de leitura, bem como as de escrita.

Com isso, os estudos sobre o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação têm se expandido e se mostrado um tema bastante proveitoso na educação, sendo explorado em diversos contextos, com diferentes envolvidos. Nessa perspectiva, cabe refletir sobre a apropriação das tecnologias na escola, pois esta pode contribuir para novas formas de pensar e ensinar, ampliando o conhecimento dos estudantes.

CAPÍTULO 2 - TECNOLOGIAS DIGITAIS E EDUCAÇÃO

Com o surgimento das novas tecnologias de comunicação e informação (TICs), surgiram também novos desafios para a educação. A partir disso, diversos autores começaram a se referir ao letramento digital, que é compreendido por certa condição daqueles que adquirem habilidades com as novas tecnologias digitais, possibilitando o uso de práticas de leitura e escrita na tela.

As TICs permitiram novas maneiras de comunicação, por meio de múltiplas linguagens. Sendo assim, este novo cenário trouxe uma preocupação com a forma de ensinar e aprender com novos letramentos. Segundo Pischetola (2016), a partir das questões enfrentadas, surgem para a educação dois desafios principais:

- 1) Com relação ao processo de aprendizagem, fica claro que é preciso rever o conceito de letramento, para que seja capaz de abarcar as novas linguagens do mundo contemporâneo, na direção de um letramento digital. Como explicamos, este é o conjunto de habilidades e “competências digitais” que vai permitir aos “nativos digitais” aproveitarem a mídia de forma crítica, consciente e personalizando a informação.
- 2) Com relação às formas de aprender, surgem debates acerca das possibilidades de interação que as TICs providenciam em seus espaços colaborativos de aprendizagem. A este respeito, fica evidente que a espontaneidade das práticas colaborativas é facilmente sobre-estimada e que, na verdade, a colaboração depende da existência de motivação pessoal. (PISCHETOLA, 2016, p. 49 e 50)

A autora deixa clara a necessidade de se rever o conceito de letramento, a fim de englobar as novas linguagens, com a meta de se alcançar o letramento digital para que as mídias sejam completamente aproveitadas, sendo utilizadas de modo crítico e consciente. No que tange aos modos de aprender, Pischetola destaca a necessidade da inserção de práticas colaborativas.

Diante disso, é perceptível a necessidade que haja pesquisas voltadas para agregar novas práticas de letramentos. Segundo Rojo (2012) devem-se criar ações que possibilitem os multiletramentos de forma colaborativas, interativas, híbridas de linguagens, mídias e culturas.

Pischetola (2016) ainda destaca um terceiro desafio que diz respeito ao professor, no sentido de reformular seu lugar, como também sua prática pedagógica e sua relação com os educandos. As transformações trazidas pelas TICs, além dos desafios propostos para educação, requerem uma formação que possa suprir as necessidades do mundo contemporâneo. Há a necessidade de se considerar novas

formas de comunicação e produção digital que fazem parte da experiência trazida para o ambiente escolar, sem esquecer a “cibercultura” (LÉVY, 1999).

O Brasil é um país com inúmeras desigualdades sociais, regionais e culturais. Não basta incorporar as inovações tecnológicas sem que haja adaptação nos diferentes espaços, não se trata de um modelo único. É preciso que se pense no interesse e necessidade de cada comunidade. A incorporação das inovações tecnológicas só fará sentido caso venha contribuir para a melhoria na qualidade do ensino.

A inserção das tecnologias no ensino favorece um processo de aprendizagem mais colaborativo, promovendo a construção de conhecimentos por meio de trabalhos em equipe. A interação acarreta novas possibilidades de compreensão e significação. Dessa maneira, esse tipo de aprendizagem pode ser potencializado através das tecnologias de informação e comunicação (VARELLA et al. 2002).

Temos visto que, ao longo dos anos, os avanços tecnológicos modificaram hábitos e as formas de relacionamento. Entretanto, a escola continua utilizando um sistema de ensino ultrapassado, não atendendo as demandas sociais. Além disso, vale levar em conta que as estratégias colaborativas de aprendizagem em ambientes virtuais são imprescindíveis para que a educação amplie as capacidades interativas e cooperativas dos educandos.

As mudanças que ocorrem na sociedade exigem atualizações e inovações no ambiente educacional. Contudo, leva-se tempo para que os avanços sejam incorporados. Não basta adquirir equipamentos e máquinas, mais que isso, é necessário saber manusear, utilizando de forma eficaz, produzindo condições de aprendizagem favoráveis. A tecnologia promoverá cidadania à medida que for constituída uma proposta de educação que prioriza a criticidade.

Nota-se que a tecnologia tem sido responsável pelo surgimento de novas linguagens, contribuindo para mudar as formas de lazer, o trabalho, bem como de consumo. Vive-se uma nova dimensão na sociedade contemporânea, os espaços estão cada vez mais informatizados. Bauman (1999, p. 17) ressalta que “a globalização é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível, é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos sendo globalizados”.

Essas transformações acabam afetando a escola, visto que as novas formas organizacionais do trabalho requerem novas habilidades, como o uso das

tecnologias da informação e comunicação. Neste viés, cabe à escola repensar o seu papel tendo em vista as exigências da sociedade do conhecimento. Assim, no contexto educacional, as tecnologias têm papel relevante, merecendo pesquisas que mostrem seu potencial no processo educativo, além da influência que exercem na sociedade.

Percebe-se, na atualidade, que os educandos se mostram cada vez mais inseridos no contexto virtual. Por este motivo, tem-se a necessidade de lhes viabilizar o acesso ao conhecimento, preparando-os para uma vida de aprendizagem significativa e descobertas com o auxílio da TICs, a fim de que possam se desenvolver intelectual, social e profissionalmente.

Um dos desafios do professor em relação às TDICs é entender que a aprendizagem é o centro do processo e o seu papel se desloca para o de mediador da aprendizagem, de modo que desenvolva estratégias de aprendizagens, buscando, assim, soluções conjuntas.

Neste contexto, o uso da tecnologia no ensino-aprendizagem permite implementar Learning Management System (LMS), no Brasil, chamada de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Trata-se de uma plataforma educacional que une a tecnologia com diferentes recursos pertinentes que disponibilizam materiais de excelência, como livros virtuais, exercícios, entre outros. Ainda que a tecnologia possa ser utilizada como estratégia para facilitar a aprendizagem, vale dizer que este recurso não substitui o professor, uma vez que seu papel é primordial no ensino-aprendizagem. Moran (2009) afirma que:

As tecnologias da comunicação não substituem o professor, mas modificam algumas das suas funções. A tarefa de passar informações pode ser deixada aos bancos de dados, livros, vídeos, programas em CD. O professor se transforma agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar a informações mais relevantes. Num segundo momento, coordena o processo de apresentação dos resultados pelos alunos. Depois, questiona alguns dos dados apresentados, contextualiza os resultados, adapta-os à realidade dos alunos, questiona os dados apresentados. Transforma informação em conhecimento e conhecimento em saber, em vida, em sabedoria – o conhecimento com ética. (MORAN, 2000, p. 25)

Conforme o autor relata, o professor estimula a curiosidade do educando para que seja impulsionado a pesquisar e buscar informações essenciais. A intenção em propor novos métodos educacionais está na justificativa de recuperar o prazer do

indivíduo em buscar o conhecimento. A tecnologia pode contribuir para que o aprendizado seja mais dinâmico.

Coscarelli (1998) afirma que:

A velocidade das mudanças tecnológicas é tamanha que exige que a educação mude rapidamente, para acompanhá-las. O surgimento do rádio, da televisão, de microcomputadores e dos CD-ROMS interativos passou a influenciar o modo pelo qual aprendemos e continuamos aprendendo. Com uma fonte de energia elétrica e uma conexão telefônica, mesmo as áreas mais remotas podem ter acesso aos grandes centros de informação do mundo (COSCARRELLI, 1998, p 77).

Deste modo, é indispensável que a escola acompanhe as transformações ocorridas na sociedade. Cursos de capacitação devem ser ofertados aos educadores, a fim de que tenham conhecimento teórico e prático das TICs, utilizando todos os recursos disponíveis de modo proveitoso. O mundo está se reorganizando em relação à linguagem e à escrita, por isso, deve-se considerar a pluralidade de textos que circulam no cotidiano.

Segundo Moran, Masetto e Behrens (2003):

Precisamos repensar todo o processo, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades, a definir o que vale a pena fazer para aprender, juntos ou separados. Abrem-se novos campos na educação on-line, pela Internet, principalmente na educação a distância. Mas também na educação presencial a chegada da Internet está trazendo novos desafios para a sala de aula, tanto tecnológicos como pedagógicos. As tecnologias sozinhas não mudam a escola, mas trazem mil possibilidades de apoio ao professor e de interação com e entre os alunos (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2003, p.14)

Apesar de ser desafiadora a proposta, não é impossível adequar-se a esta nova realidade. Cabe à escola uma nova roupagem, caminhando junto com a sociedade. É viável a formação de cidadãos plenamente capazes de exercer sua cidadania, sendo mais participativos e sujeitos que participam de sua própria construção, ofertando igualdade de condições para todos.

O uso da tecnologia em práticas educacionais deve ser visto como mais uma possibilidade, ou melhor, mais um recurso a ser utilizado para que tenhamos novos tipos de aprendizagem, que seja mais centrada no aluno, impulsionando a investigação. Outra sugestão na incorporação desses recursos tecnológicos à

prática educativa é oportunizar uma navegação mais envolvente e atrativa pelo tema proposto. Ao oferecermos um documento que contenham imagens, sons, vídeos e animações, facultamos melhor assimilação do conteúdo por parte dos educandos.

Disponibilizar, por exemplo, o hipertexto para auxiliar no enriquecimento da pesquisa permitiu o acesso a grande quantidade de informações por meio dos links, contribuindo na disseminação e democratização do conhecimento. Diante disso, vale refletirmos sobre o uso dos hipertextos em sala de aula.

Para tanto, faz-se necessário que o poder público garanta a disponibilização e o acesso a equipamentos, a fim de que seja garantida a apropriação e utilização das tecnologias em ambientes educacionais. De modo que a inclusão digital se torne realidade nesses espaços, as políticas públicas voltadas para as tecnologias digitais no âmbito educacional devem ser implementadas. Por isso, é primordial falarmos a respeito da inclusão digital nesses espaços.

2.1 – Inclusão Digital

Muitos estudiosos defendem a utilização de diversas mídias na elaboração de aulas, bem como são encontrados incentivos dessa natureza nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998).² Contudo, as aulas, em muitas escolas, continuam sendo ministradas de forma tradicional. As aulas expositivas são realidade nesses espaços. Os alunos retornam a seus lares com o caderno repleto de conteúdos copiados do quadro. Vivencia-se, hoje, a era da informação, então, privar os estudantes da tecnologia significa restringir o conhecimento. É preciso, também, preparar os educadores para que exerçam nova visão pedagógica.

Diante das crescentes mudanças na sociedade atual (sejam as que ocorrem na esfera do trabalho, das relações interpessoais ou das novas possibilidades de participação e exercício da cidadania), motivadas pela maneira como a informação passou a circular através das novas tecnologias, fica clara e iminente a necessidade de mudar a maneira de aprender e de ensinar em esfera escolar (AZZARI; LOPES, 2013, p. 207).

² A aplicação de recursos tecnológicos no processo de ensino auxilia o aluno em sua socialização e na percepção dos fenômenos e problemáticos presentes na sociedade e em sua comunidade. (PCN, 1998, p.27).

Nos últimos anos, a sociedade tem vivenciado um constante processo de transformação tecnológica. As mídias têm sido incorporadas, diariamente, no cotidiano da sociedade, mudando as relações de trabalho, o comércio, a comunicação entre os indivíduos e, principalmente, as formas de relacionamentos. Entende-se que a escola deve oferecer suporte para essas mudanças.

Com a internet, torna-se mais fácil diversificar a forma de ensinar e aprender. A educação na era digital tende a ser mais inclusiva, possibilitando o acesso a múltiplas informações, bem como o desenvolvimento de várias inteligências. Além do mais, nota-se a interação intensa com diferentes espaços, gerando a otimização dos processos educacionais e ação docente colaborativa.

A inclusão digital está associada à democratização da tecnologia. Um indivíduo considerado incluído digitalmente é capaz de utilizar o conhecimento de modo significativo, melhorando sua condição social. Infelizmente, a exclusão socioeconômica favorece a exclusão digital. No Brasil, a disponibilização das Tecnologias de informação e comunicação ainda é precária. Uma das saídas para que a sociedade seja mais justa e igualitária seria o esforço pela inclusão digital, que deve estar integrada aos conteúdos curriculares. Lemos (2007) ressalta que há alguns anos o governo brasileiro busca soluções para diminuição da exclusão digital:

A grande questão reside em como lidar com a exclusão digital existente no país, como o Brasil, que conta com altos índices de pobreza e analfabetismo. É certo que a pobreza e o analfabetismo se constituem como problemas que precisam ser sanados com urgência. Mesmo assim, não há como pensar a exclusão digital em segundo plano, visto que o desenvolvimento das tecnologias se dá cada vez mais rapidamente e o abismo existente entre incluídos e excluídos tende a aumentar (LEMOS, 2007, p. 16).

É perceptível que o aprendizado e o uso das tecnologias digitais podem ajudar na diminuição da pobreza e do analfabetismo. Por este ângulo, a escola deve promover a inclusão digital, envolvendo todos os níveis e modalidades educacionais, construindo um projeto pedagógico que abarque as necessidades da comunidade na qual se encontra inserida. Propiciar o acesso da comunidade aos equipamentos tecnológicos é essencial para que ocorra a disseminação do uso das TIC's, sobretudo, o desenvolvimento de atividades contextualizadas e significativas, a fim de que os sujeitos possam ser produtores de conhecimento.

Ser excluído digitalmente é não possuir acesso aos computadores e/ou celulares e às conexões com a Internet. A má distribuição de renda ocasiona grande desigualdade social no país. Infelizmente, a desigualdade brasileira tem sua origem na época da colonização, atravessando o período da industrialização e permanecendo até os dias de hoje. O cenário herdado de anos anteriores prejudica a implementação das políticas de inclusão digital. A questão da pobreza e o custo de acesso à internet são fatores que limitam a inclusão digital.

Neste sentido, entende-se que as políticas públicas brasileiras, além do investimento em bens materiais, como a compra de equipamentos tecnológicos, devem promover ações de melhoria das condições do ensino básico, priorizando a formação continuada dos profissionais da educação. É importante frisar que o fundamental no processo educativo é levar o aluno a refletir sobre o uso das tecnologias. Não basta possuir habilidades técnicas para utilizar os computadores, a intenção é de compreender a informação acessada e, a partir disso, usar essa informação de modo eficiente. Conforme Van Dijk (2005b) é preciso distinguir dentro do letramento digital os três tipos de competências digitais:

- 1) As operacionais: ou seja, o conjunto de habilidades técnicas que permitem ao usuário acessar as aplicações básicas das TICs on-line e off-line, como, por exemplo, o editor de texto, o e-mail, as atividades de busca on-line.
- 2) As informacionais: habilidades para pesquisar, selecionar e elaborar as informações que se encontram nos recursos da rede.
- 3) As estratégicas: habilidades para determinar metas específicas orientadas a alcançar outras mais amplas, com o fim de manter ou melhorar sua própria posição social. (VAN DIJK, 2005 apud PISCHETOLA, 2016, p. 42).

Pischetola (2016) entende que as três competências dizem respeito aos três graus de desigualdade. Sendo assim, o indivíduo que se encontra incluído digitalmente alcançou todos os níveis de competência mencionados por Van Dijk. O que se percebe é que o letramento não se limita à aquisição do sistema de escrita e leitura, engloba, também, as práticas sociais de ler e escrever. Usar a tecnologia de modo eficaz seria considerá-la “para além da ferramenta, o uso em si também modifica social e culturalmente o usuário, pois ativa inteligências e habilidades diferentes, e favorece ou limita determinadas capacidades.” (PISCHETOLA, 2016, p. 43).

A inclusão digital está ligada à qualidade da Educação e ao seu alcance, trata-se de um direito constitucional que pertence a todos os cidadãos. Ser incluído digitalmente corresponde, a saber, aproveitar as ferramentas digitais de modo significativo. A ciência da informação busca definir a inclusão digital:

[...] Neste sentido, entende-se, como ponto de partida do conceito de inclusão digital, o acesso à informação que está nos meios digitais e, como ponto de chegada, a assimilação da informação e sua reelaboração em novo conhecimento, tendo como consequência desejável a melhoria da qualidade de vida das pessoas. (SILVA et al, 2005, p. 30)

Nesta perspectiva, a inclusão digital se torna essencial para que ocorra o desenvolvimento econômico, social e individual. Neste contexto, verifica-se que o acesso à informação, a busca pelo conhecimento e aprendizagem eficaz são imprescindíveis na sociedade moderna. Consequentemente, a inclusão digital é relevante para o ambiente educacional, sendo exigida por diversas instituições que aspiram por uma educação de qualidade.

2.2 – Desafios da Educação e cultura digital

O Brasil tem um histórico de dificuldades de desenvolvimento em razão de suas dimensões continentais e pelos aspectos culturais. Observa-se que cada região do país possui deficiências distintas, necessitando de planos de ação que contemple cada localidade. Por outra perspectiva, a globalização, igualmente, faz exigências. Assim, os currículos escolares precisam contemplar ambos os lados, a educação precisa caminhar em conjunto com a evolução da sociedade.

Sabe-se que a globalização é um processo de expansão política, econômica e cultural a nível mundial. Desde a época das Grandes Navegações, no século XVI, começaram a se ampliar as trocas comerciais para outras nações. Sabe-se que a Expansão Marítima e Europeia é considerada como uma das maiores realizações da humanidade, pois a partir da transposição dos oceanos foi possível viver uma intensa globalização. Já no último século, o processo de globalização teve um grande progresso devido à terceira Revolução Industrial, conhecida como Revolução Técnico-Científico-Informacional. Esta responsável pela evolução das tecnologias,

diminuindo distâncias e favorecendo o comércio entre os países. Em consequência disso, o mundo se encontra cada vez mais interconectado.

Desde 1990, com o surgimento de redes de computadores, a sociedade tem se modificado rapidamente devido às facilidades e novidades trazidas pelo mundo digital. De acordo com Gómez (2015, p. 14), “na era da informação digitalizada, o acesso ao conhecimento é relativamente fácil, imediato, onipresente e acessível.” Isso nos remete a chegada de uma nova pedagogia aliada às tecnologias.

Todas essas transformações apontam a necessidade de a área educacional buscar conhecimentos e atualizações constantes. Contudo, o que temos na prática é o despreparo da escola e de seus profissionais para que ocorram tais mudanças. Um desses obstáculos é ocasionado pela falta de materiais tecnológicos para que sirvam de apoio às aulas. Além do mais, muitos agentes não estão capacitados para utilizar novas tecnologias, cabendo investimento no preparo destes. Para Behar et al. (2013) destaca as mudanças ocasionadas pela tecnologia:

As transformações sociais provocadas pela tecnologia em todas as esferas de relações (familiar, profissional e escolar) ensejam o desenvolvimento da sociedade conectada. Essa sociedade é configurada para utilizar as TIC de forma não apenas quantitativa, mas também qualitativa, em que a comunicação, proporcionada por elas, permite a interação, a colaboração, a cooperação e a autoria (BEHAR et al., 2013, p. 38).

É importante frisar que a escola não pode ficar à parte dessas inovações, para que continue cumprindo seu papel de inserção dos sujeitos na cultura. O orçamento e a gestão têm afetado a educação – principalmente a pública - ao longo desses anos, em consequência disso, a escola continua desatualizada em relação às tecnologias. Muitos desafios educacionais precisam ser superados para que haja êxito nessas ações, tais como o acesso. Infelizmente, crianças e adolescentes negras, pardas e indígenas são as mais atingidas pela exclusão escolar. Pesquisas apontam que a exclusão da escola tem nível socioeconômico, raça/cor, gênero e origem geográfica. A reprovação se agrava, historicamente, quando se trata das populações residentes em áreas de assentamentos, de quilombos ou terras indígenas, tal como demonstra o estudo realizado pelo Enfrentamento da Cultura do Fracasso Escolar (UNICEF, 2021).

Outro dilema se encontra na distorção idade-série mostrando o resultado das muitas reprovações, de abandonos escolares e de novas tentativas de permanência

e sucesso, algo que permanece em repetição. Essa adversidade educacional, da mesma forma, está ligada às desigualdades de cor/raça, de gênero e de deficiência, acompanhada pelos indicadores de reprovação e abandono.

O abandono escolar é consequência das sucessivas reprovações, da distorção idade-série, entre outros problemas que ocorrem no seio familiar de diferentes naturezas. A cultura do fracasso escolar, no Brasil, é recorrente por efeito dos fenômenos advindos do abandono. A pesquisa realizada a respeito do Enfrentamento da Cultura do Fracasso Escolar traz a reflexão sobre a importância do desenvolvimento de políticas voltadas para a educação:

Reafirma-se a importância de um olhar cuidadoso por parte de gestoras (es) educacionais em todas as instâncias da educação pública para cada um dos desafios presentes nas diferentes etapas da escolarização e para os diferentes grupos, visando o desenvolvimento de políticas atentas às suas necessidades e especificidades, garantindo que a escola seja um espaço de acolhimento, segurança e proteção para crianças e adolescentes. (UNICEF, 2021, p. 56)

A função social de uma escola em uma sociedade é a de minimizar as diferenças de origem e aumentar a igualdade de oportunidades para os indivíduos, sendo democrática e justa. Para este fim, tal como é definido pela Constituição Federal de 1988, e por outros instrumentos legais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), todos possuem direito à educação. E, nestas instituições, as pessoas devem usufruir de condições favoráveis para concluir todas as etapas do ensino de modo que possam exercer plenamente sua cidadania, sendo inseridas no mundo do trabalho.

Considera-se a educação essencial, a fim de que haja o desenvolvimento das pessoas do ponto de vista social, cultural, político e econômico. Entretanto, verifica-se que a realidade brasileira apresenta diversos obstáculos que atrapalham o crescimento educacional. Primeiramente, devem-se resolver os problemas associados à permanência na escola, garantindo o acesso de todos. Em seguida, refletir sobre as possibilidades de usar as TICs para que auxiliem na disseminação do conhecimento.

É notório que as modificações da cultura contemporânea, juntamente com o desenvolvimento das tecnologias vêm causando impactos sobre a educação, exigindo reflexão de suas práticas. Há inúmeros desafios que a escola precisa

vencer em prol de seus educandos para que se incorporem novas formas de aprender e de ensinar, de modo que se tenha uma ressignificação de suas práticas. Compreende-se que esta nova cultura e suas tecnologias vêm abrindo novas possibilidades de aprendizagem e de desenvolvimento de estratégias educativas. Fantin e Rivoltella (2003) abordam que as tecnologias digitais têm feito parte do cotidiano das pessoas:

A cultura digital é também uma cultura em que a portabilidade é às vezes o item mais importante. Os aparelhos estão se tornando cada vez menores e mais leves, para que possam ser levados no bolso: a tecnologia vira uma roupa, sem a qual é difícil sair de casa. Os aparelhos também estão cada vez mais potentes. Com eles é possível fazer muitas coisas, conectar-se, comunicar-se, editar textos e imagens. (FANTIN; RIVOLTELLA, 2003, p. 44)

As tecnologias estão transformando a rotina das pessoas e, com isso, surge um novo conceito chamado cultura digital, que descreve como a tecnologia e a internet estão moldando o modo como os indivíduos pensam e interagem socialmente.

Vale ressaltar o caminho das eras culturais ao longo da história da humanidade, iniciando pela cultura oral, escrita, impressa, mídias de massa até chegar à cultura digital, Lucia Santaella (2003) descreve este percurso:

Para compreender essas passagens de uma cultura a outra, que considero sutis, tenho utilizado uma divisão das eras culturais em seis tipos de formações: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital. Antes de tudo, deve ser declarado que essas divisões estão pautadas na convicção de que os meios de comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, não passam de meros canais para a transmissão de informação. Por isso mesmo, não devemos cair no equívoco de julgar que as transformações culturais são devidas apenas ao advento de novas tecnologias e novos meios de comunicação e cultura. São, isto sim, os tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais. (SANTAELLA, 2003, p. 24)

A autora considera que a formação da cultura digital diz respeito às novas formas de comunicação que ocorrem nestes ambientes, mudando o pensamento e o modo de agir dos indivíduos. Com isso, a era da informação transforma suas práticas sociais, costumes e valores destes cidadãos inseridos na cultura digital.

Baratto e Crespo (2013) ressaltam que a cultura digital passa a fazer parte da vida dessas pessoas, surgindo novos pensamentos, práticas e conceitos:

Cultura é um reflexo da ação humana, [...] se constitui de ação do homem, na sociedade; criando formas, objetos, dando vida e significação a tudo o que o cerca. É essa ação humana que permitiu o surgimento do computador e, por conseguinte, o surgimento da cultura digital. E esta passa, em seguida, a fazer parte de vários aspectos da vida humana, na aprendizagem pedagógica, na vida afetiva, na vida profissional, na simbologia da comunicação humana. [...] a cultura não se transforma em digital, mas sim, ela busca se adequar ao cenário digital, ao mundo virtual (BARATTO; CRESPO, 2013, p. 17).

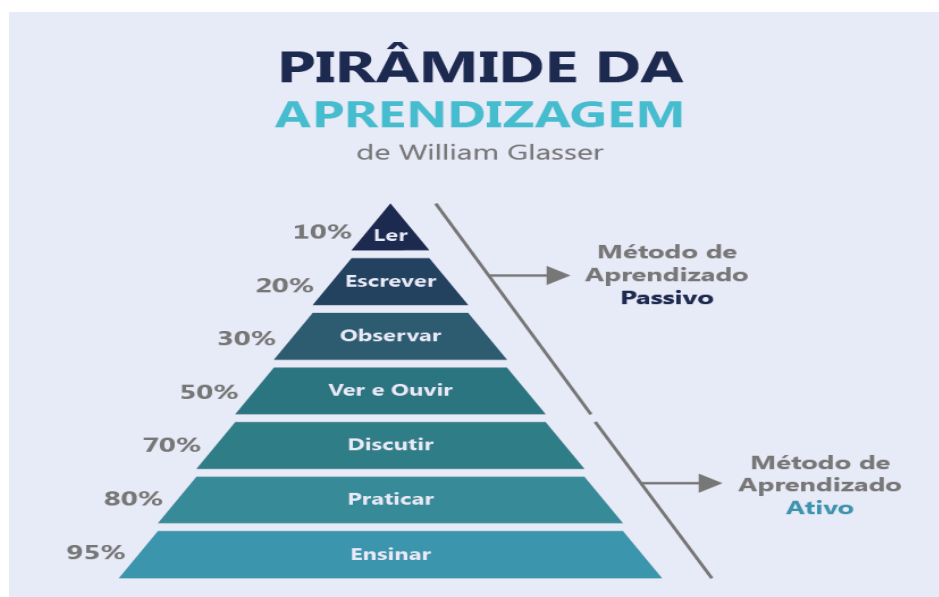
Apesar de muitas escolas possuírem ferramentas digitais, não significa que esses recursos são utilizados com êxito. Verifica-se que muitas instituições apresentam dificuldades relacionadas à conexão, utilização, bem como no que diz respeito à utilização desses instrumentos nas práticas pedagógicas. Entende-se que fazer parte da cultura digital não é somente ter acesso às tecnologias digitais, mas sim saber usá-las em busca de informações, transformando-as em conhecimentos. Nesta perspectiva, o investimento na formação dos educadores é fundamental. Kenski (2012, p.18) nos lembra de que existe hoje o “duplo desafio da educação: adaptar-se aos avanços tecnológicos e orientar o caminho de todos para o domínio e a apropriação crítica desses novos meios”.

O professor precisa estar preparado para lidar com a inovação, pois a formação contribui para a reflexão de suas práticas em sala de aula. As ferramentas digitais disponíveis na internet devem ser vistas como facilitadoras para que o profissional amplie seu conhecimento, tornando as aulas atrativas, com a meta de despertar o interesse do educando e melhorar a qualidade do ensino. Neste viés, investir na formação do professor é buscar seu aperfeiçoamento quanto às tecnologias de informação e comunicação para que estas possam ser incluídas no currículo.

Neste contexto, percebem-se as transformações que a aprendizagem vem sofrendo na cultura digital. Os recursos tecnológicos propiciam extenso acesso às informações, porém, estas precisam ser compreendidas de forma que se tornem conhecimento eficaz para os estudantes. Aliar as tecnologias ao ensino-aprendizagem é uma possibilidade que permite o enriquecimento das práticas diárias do ambiente educacional. Assim, refletir sobre o uso dessas ferramentas é primordial para a melhoria na qualidade do ensino.

“A boa educação é aquela em que o professor pede para que seus alunos pensem e se dediquem a promover um diálogo para promover a compreensão e o crescimento dos estudantes” (GLASSER, 2017). Para melhor compreendermos o modo como os alunos aprendem, vale destacar o estudo realizado pelo psiquiatra americano William Glasser, que desenvolveu uma pesquisa chamada teoria da pirâmide de aprendizagem, para explicar como os indivíduos geralmente aprendem e qual é a eficiência dos métodos nesse processo, o blog Lyceum ilustra o processo:

Figura 1 – Pirâmide da Aprendizagem



Fonte: Blog Lyceum, 2022

Conforme a pirâmide de aprendizagem de William aprende-se:

- 10% quando lê;
- 20% quando ouve;
- 30% quando observa;
- 50% quando vê e ouve;
- 70% quando discute com outras pessoas;
- 80% quando faz;
- 95% quando ensina aos outros.

Percebe-se na terceira figura o destaque para a otimização na retenção dos conteúdos pelos educandos, encontra-se na parte superior da pirâmide, as metodologias passivas do processo de ensino e aprendizagem. Já na parte inferior, nota-se as metodologias ativas, demonstrando que é necessário que haja maior

interação no processo de ensino, a fim de que possa ter maior fixação do conteúdo. Moser, Gregório, Pires e Moreira (2020, p.33) alegam que experiências com padlet no ciberespaço contribuem para que os alunos desenvolvam a autonomia e sistematização em processos de ensino e aprendizagem, caracterizados como “um importante instrumento capaz de potencializar a ação educativa e ambiental sob um viés interativo”.

Em entrevista ao site Desafios da Educação, um dos maiores defensores da modernização das abordagens de ensino no Brasil, doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e professor aposentado de Novas Tecnologias, o pesquisador José Manoel Moran declara que “Existe uma clara consciência em relação ao esgotamento do modelo antigo, seja na Educação Básica ou no Ensino Superior”, o autor considera que pode haver sucesso na implementação das tecnologias ativas em sala de aula, entretanto, para que isso aconteça, é preciso que haja um esforço global: “É um trabalho amplo, que precisa abranger alunos, professores, gestores e até famílias, em alguns casos”, afirma o pesquisador.

Observa-se, desta maneira, que os métodos mais eficientes estão inseridos no método de aprendizado ativo, pois impulsionam o aprendizado em grupo, proporcionando um ambiente colaborativo e interdependente para a resolução dos problemas, a fim de atingir os objetivos propostos pelo professor. Pode-se dizer que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), caso sejam utilizadas de modo eficaz, têm um papel essencial para o modelo de ensino ativo.

A utilização do Padlet como estratégia para uma aprendizagem colaborativa levanta reflexão quanto ao uso de ferramentas tecnológicas que ofereçam suporte pedagógico aos educandos e educadores nos processos de ensino-aprendizagem, de modo que possam aprimorar suas habilidades e competências leitoras para o exercício pleno da cidadania. Assim, é pertinente que se reflita acerca das contribuições do uso das tecnologias digitais para o desenvolvimento das metodologias ativas em sala de aula.

2.3 – Metodologias Ativas

O Padlet é considerado uma metodologia ativa relevante para proporcionar uma formação eficiente ao educando. Neste âmbito, o uso das tecnologias digitais para o desenvolvimento das metodologias ativas em sala de aula demonstram a

possibilidade de uma aula dinâmica, em que o educando é autônomo, participativo e criativo no ambiente escolar. O imprescindível é ressignificar a prática, considerando os saberes já consolidados, agregando novas técnicas que possam corroborar com o aprendizado dos educandos. Neste viés, sabe-se que os saberes necessários não se limitam aos conteúdos das disciplinas, ensinar vai além de dominar conteúdos, transmiti-los ou armazenar informações. Para Freire “... *ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção*” (FREIRE, 2015, p. 29). Assim, o educador deve buscar novas metodologias para que possa desenvolver as suas aulas de forma que as mesmas instiguem seus alunos, provocando raciocínio, reflexão e autonomia.

Ainda assim, o método tradicional de ensino é muito comum, em que predomina a transmissão de conteúdos, especificamente, centrado no educador, onde os educandos permanecem com uma postura passiva, recebendo e, também, memorizando o conteúdo. Nessa perspectiva, as aulas tendem a ser cansativas, bem como desinteressantes, sem a participação dos alunos. Vale destacar que mesmo que se utilizem recursos tecnológicos nestas aulas, o panorama de insatisfação continua, uma vez que, isoladamente, a tecnologia não promove o aprendizado.

Por isso, seria enriquecedor inserir uma aprendizagem mais ativa em sala de aula. As metodologias Ativas surgem como um atrativo no que se refere ao ensino, possibilitando uma aprendizagem dinâmica para o estudante e participativa. O aluno tem a oportunidade de assumir um papel ativo na aprendizagem. Assim:

Em um sentido amplo, toda aprendizagem é ativa em algum grau, porque exige do aprendiz e do docente, formas diferentes de movimentação interna e externa, de motivação, seleção, interpretação, comparação, avaliação, aplicação. (BACICH; MORAN, 2018, p. 38).

A aprendizagem ativa é o oposto da aprendizagem tradicional. Na aprendizagem ativa, o educando consegue fazer conexões intelectuais, associando o novo aprendizado com seu conhecimento prévio de determinado assunto, construindo, assim, novas conexões, novos aprendizados. Assim, tal como o nome sugere, a atividade ativa envolve uma ação. Teoricamente, a aprendizagem ativa é uma metodologia de ensino que tem como meta conduzir o aluno como o centro de

todo o processo de ensino-aprendizagem. Por isso, o aluno consegue se envolver de forma ativa na aquisição de conhecimento.

Percebe-se que no ensino por metodologias ativas, o educando é o responsável pelo seu aprendizado, buscando mais autonomia, o professor segue incentivando-o a desenvolver mais habilidades, ocasionando maior compreensão dos conteúdos de forma colaborativa. Acredita-se que a aprendizagem, nesta perspectiva, gera crescimento e desenvolvimento do ser em sua totalidade, pois envolve o estudante em seu aprendizado, valorizando seus pensamentos, valores, saberes, sentimentos, considerando, impreterivelmente, o meio social em que vive e a cultura do mesmo.

Podemos entender que as Metodologias Ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos. (BERBEL, 2012, p. 29).

O trabalho com metodologias ativas proporciona maior equilíbrio na relação entre professores e alunos. Neste viés, o estudante é o principal agente do processo. É fundamental que se adote metodologias que contribuam para o desenvolvimento dos alunos. Segundo Moran:

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se quisermos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se quisermos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa. (MORAN, 2015, p. 17).

O planejamento é relevante para que as competências desejadas sejam alcançadas tais como as intelectuais, comunicacionais, dentre outras. Pischetola (2016) ressalta que *“o termo “autonomia” vem das palavras gregas autos (si mesmo) e nomos (lei), e significa capacidade de autorregular-se.”* A autora considera fundamental o papel da autonomia na educação, no sentido de que contribui para o desenvolvimento psicopedagógico na primeira infância e para, futuramente, corroborar com o crescimento e maturação, na adolescência, até a chegada da vida

adulta, onde a capacidade adquirida de se estar inserido no mundo por meio de uma rede flexível de relações sociais. Pischetola (2016) relata:

Pois bem, a questão da autonomia na educação sempre desempenhou um papel central, constituindo o objetivo essencial do desenvolvimento psicopedagógico na primeira infância, para ser, em seguida, elemento-chave do crescimento e da maturação do adolescente até representar, na idade adulta, a capacidade conquistada de fazer parte do mundo através de uma rede flexível de relações sociais (PISCHETOLA, 2016, p. 52).

Percebe-se que Paulo Freire (1996) demonstra ser um defensor das metodologias ativas, defendendo que haja uma educação básica eficaz e de qualidade, é essencial superar desafios e solucionar problemas de forma que seja viável a construção de novos conhecimentos. Por meio das leituras de Paulo Freire, constata-se que o autor considera o professor como ser plenamente capaz de conduzir a ação educativa, tendo o educando como sujeito participante e a sala de aula apresentada como espaço de diálogo. Partindo destas premissas, é possível a construção de uma escola que proporcione uma educação diferenciada, onde as pessoas são ouvidas e as ideias são refletidas, favorecendo a mudança da realidade social das mesmas.

À vista disso, manifesta-se a sugestão da utilização da Metodologia Ativa como um sistema que busca de uma educação crítica, bem como reflexiva, levando o aluno para resolução de situações problemas. Segundo Bastos (2006), o docente deve atuar como um facilitador deste processo, de modo que se torne um pesquisador, sendo capaz de refletir e, ao mesmo tempo, tomar decisões com o intuito de alcançar os objetivos. Assim:

O conceito de metodologias ativas se define como um processo interativo de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para um problema. (Bastos, 2006, p.10)

Desta forma, é imprescindível conhecer outras maneiras de atuar na prática em sala de aula. Uma dessas possibilidades é a utilização das metodologias ativas, de modo que colabore com a formação crítica dos educandos, visando suprir as demandas sociais atreladas à educação.

Para que haja uma aprendizagem significativa, é primordial que se compreenda que o processo de conhecimento deve se basear em uma troca entre alunos e professores. Em um ambiente onde a aprendizagem é realizada por descoberta, o aluno é impelido a investigar, pesquisando de modo que assimile novos conceitos e informações. Portanto, oferecer aulas mais ativas, coopera com a oferta de situações colaborativas, em que é possível o compartilhamento de conhecimentos, compreendendo, transformando e atribuindo novos significados. A Metodologia Ativa de aprendizagem pressupõe uma prática pedagógica baseada no princípio da autonomia, onde o aluno é protagonista no ambiente de aprendizagem alinhado a sua realidade.

Berbel (2011) ressalta que as aulas com Metodologias Ativas cooperam com a autonomia dos educandos, despertando, assim, a curiosidade, proporcionando conhecimento, fazendo com que o aluno seja participativo, agente de seu aprendizado, promovendo a autoestima e novas habilidades.

O engajamento do aluno em relação a novas aprendizagens, pela compreensão, pela escolha e pelo interesse, é condição essencial para ampliar suas possibilidades de exercitar a liberdade e a autonomia na tomada de decisões em diferentes momentos do processo que vivencia, preparando-se para o exercício profissional futuro (BERBEL, 2011, p. 29).

Portanto, com o objetivo de levar a aprendizagens para a autonomia, há diversas possibilidades de Metodologias Ativas, dentre elas podemos citar: o estudo de caso, mapas mentais, sala de aula invertida, metodologias de projetos, entre outras.

Os estudos de caso é uma das Metodologias eficientes para o uso na sala de aula, pois facilita o processo de ensino-aprendizagem. Para utilizá-la, o professor pode apresentar problemas reais aos seus alunos, pedindo para que os mesmos reflitam e busquem soluções, tal como acontece dentro de empresas. Após, relata-se como o problema foi resolvido, podendo ocorrer de forma oral ou através de um texto, expressando o aprendizado com o caso proposto. Trata-se de uma metodologia bastante atrativa, o estudo de caso detém a atenção dos educandos, pois podem propor resoluções para situações reais, sendo uma maneira de colaborar com a tomada de decisões fora do ambiente escolar, subsidiando o enfrentamento de uma circunstância real.

Sendo, assim, percebe-se que é fundamental que profissionais da educação busquem uma forma inovadora de produzir uma aprendizagem significativa, a fim de que seja possível a construção do conhecimento. A metodologia ativa influencia de maneira ampla na construção do conhecimento do educando, corroborando para a formação de um estudante investigador, favorecendo a aprendizagem no ambiente escolar. Nesta perspectiva, o professor tem papel fundamental, sendo o responsável por trazer uma nova metodologia para dentro da sala de aula, contribuindo para que o ensino tradicional seja minimizado, iniciando, assim, uma aprendizagem ativa em que o aluno passa a ser protagonista do seu próprio conhecimento.

Por conseguinte, usar as tecnologias digitais disponíveis de modo que sejam favoráveis ao processo educativo é, sem dúvida, genial, pois facilitam as atividades desenvolvidas em sala de aula, cooperando para a aprendizagem ativa. Neste viés, a importância do uso das tecnologias de informação e comunicação demonstra uma potencialização para o aprendiz.

Para que a prática pedagógica seja eficaz, o profissional da educação deve estar atento a todas as mudanças ocorridas nos últimos tempos, além do mais, buscar aperfeiçoamento, estudos, capacitação para que o ensino tenha a qualidade necessária para transformar as pessoas. Sendo ativo, participando do projeto pedagógico da escola, trazendo novas ideias, utilizando as tecnologias em prol da educação. Assim, atentando para a formação contínua e tendo comprometimento com uma aprendizagem eficiente.

Vale dizer que, nas metodologias ativas, o educando tem a possibilidade de experimentar recursos variados, fazendo uso de ferramentas digitais inovadoras que permitem acessos permanentes à informação. As tecnologias de Informação e de Comunicação contribuem para obtenção de informações e construção do conhecimento. Nesta perspectiva, é fundamental falar a respeito da multimodalidade e tecnologia, no tocante que a multimodalidade envolve uma multiplicidade de códigos semióticos com muitos significados, o que poderá proporcionar aos alunos maior compreensão e criticidade em suas leituras.

2.4 – Multimodalidade e Tecnologia

Os textos podem ser organizados de diversas formas, utilizando som, figuras, fontes variadas, cores, movimentos e linguagens. Esses textos têm estado presente

nas interações sociais, modificando as formas de leitura e interpretação. Aliás, ultimamente, o gênero multimodal tem sido objeto de estudos linguísticos:

Definimos multimodalidade como o uso de diversos modos semióticos na concepção de um produto ou evento semiótico, juntamente com o modo particular segundo o qual esses modos são combinados – podem, por exemplo, reforçar-se mutuamente (“dizer a mesma coisa de formas diferentes”), desempenhar papéis complementares [...], ser hierarquicamente ordenados, como nos filmes de ação, onde a ação é dominante, com a música acrescentando um toque de cor emotiva e sincronizar o som de m toque realista “presença” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001:20 apud ROJO e MOURA, 2012, p.151).

Os gêneros multimodais já fazem parte do cotidiano das pessoas, permeando suas ações comunicativas. Kress e Van Leeuwen demonstram, em suas ponderações, que a multimodalidade está presente em indivíduos que nasceram no contexto digital. As mudanças nos modos de comunicação têm sido percebida nas escolas, cada vez mais envolvida com novas práticas discursivas, demonstrando a necessidade de implementação de novas estratégias de ensino. Neste sentido, Rojo e Moura (2012) descrevem a respeito da necessidade que o ensino da língua portuguesa tem de promover novas práticas pedagógicas que venham abarcar os atuais letramentos presentes nas relações sociais:

[As] mudanças fazem ver a escola de hoje como um universo onde convivem letramentos múltiplos e muito diferenciados, cotidianos e institucionais, valorizados e não valorizados, locais, globais e universais, vernaculares autônomos, sempre em contato e em conflito, sendo alguns rejeitados ou ignorados e apagados e outros constantemente enfatizados (ROJO, 2009:106 apud ROJO e MOURA, 2012, p. 152).

O essencial é que a escola esteja apta para ressignificar o ensino, utilizando todos os recursos possíveis, tornando as aulas repletas das semioses disponíveis em seu meio, permitindo o enlace de múltiplos saberes, conectando-se com as necessidades atuais. Encontra-se em Rojo e Moura (2012):

Quando possibilitamos aos nossos alunos o trabalho com textos multimodais e multissemióticos, segundo Lemke (1998), o conjunto de convenções, já utilizado na produção do sentido nos textos escritos, é ampliado e ressignificado, pois cada modalidade expressiva integra um conjunto diferenciado de significados possíveis. Os diferentes arranjos entre as diferentes categorias de significados pelas diferentes modalidades não podem ser controlados e totalmente previstos pelo

autor, o que explica a multiplicidade de leituras possíveis para os textos multimodais. Logo, a importância de considerar o prefixo “multi” na e para a construção de abordagens que privilegiem um ensino produtivo de leitura e escrita em língua materna. Além disso, é fundamental que os alunos realizem atividades de autoria, utilizando-se (d)essas novas tecnologias/mídias. (ROJO e MOURA, 2012, p. 93)

Ribeiro (2021) destaca que a leitura e a escrita sofrem alterações tanto no tempo como no espaço, relacionando-se com as práticas sociais, adquirem novas formas, organização e modos de compartilhamento, assim: “[...] incluindo-se aí as materialidades, inscrições, formatos, além dos modos de organização social e escolar, da oferta de textos e meios de difundi-los.” (RIBEIRO, 2021, p. 22). A autora salienta que as mudanças trazidas pelas tecnologias corroboraram para visualização das maneiras de ler através do tempo:

A história da leitura nos ajuda a visualizar as mudanças pelas quais ela passou, em termos de práticas e tecnologias, de forma a nos retirar do campo ingênuo que poderia nos fazer pensá-la como uma prática monolítica e estacionária [...] (RIBEIRO, 2021, p. 25).

Desta maneira, considerar, bem como disseminar os multiletramentos é fundamental para que o ensino seja democratizado, alcançando todas as classes sociais, havendo valorização de todas as culturas e dos diversos letramentos que permeiam a sociedade. Os multiletramentos presentes, nas novas relações sócio-históricas, impulsionam o desenvolvimento de capacidades de linguagens que possuem diversas semioses, ofertando aos estudantes diversidades culturais e um ensino inovador:

A lógica de uma proposta de ensino e de aprendizagem que busque promover letramentos múltiplos pressupõe conceber a leitura e a escrita como ferramentas de empoderamento e inclusão social. Some-se a isso que as práticas de linguagem a serem tomadas no espaço da escola não se restringem à palavra escrita nem se filiam apenas aos padrões socioculturais hegemônicos. Isso significa que o professor deve procurar, também, resgatar do contexto das comunidades em que a escola está inserida as práticas de linguagem e os respectivos textos que melhor representam sua realidade. (...) (A) escola que se pretende efetivamente inclusiva e aberta à diversidade não pode ater-se ao letramento da letra, mas deve (...) abrir-se para os múltiplos letramentos, que, envolvendo uma enorme variação de mídias, constroem-se de forma multissemiótica e híbrida (...). Essa postura é condição para confrontar o aluno com práticas de linguagem que o levem a formar-se para o mundo do trabalho e para a cidadania com respeito pelas diferenças no modo de agir e de fazer sentido (BRASIL, 2006:28-29 apud ROJO e MOURA, 2012, p. 152).

Nesta perspectiva, os multiletramentos são essenciais para a definição das práticas de leitura e produção de textos construídos com diversificadas linguagens, tais como: as sonoras, visuais, escritas, corporais e digitais. A presença de textos multimodais em diversas situações cotidianas exige letramentos diversificados. A Base Nacional Comum Curricular (2018), também, menciona a palavra multiletramento com o propósito de definir as práticas de leitura e produção de textos que fazem uso de diferentes linguagens, tais como: digitais, visuais, sonoras, entre outras e que, por este motivo, necessitam de letramentos diversos. Verifica-se, especialmente, na parte de Linguagens, maior ênfase aos multiletramentos, principalmente, do Ensino Fundamental ao Médio. O documento considera o seguinte:

“as práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir” (BNCC, 2018, p. 68).

Assim, percebe-se, na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), a relevância de se considerar novas formas de interação. Atualmente, como enfatiza o documento, a multimodalidade está presente nas práticas de linguagem contemporâneas. Desta maneira, a comunicação pode ser realizada de modo diversificado, tal como pelo uso das tecnologias digitais. Há a necessidade de ampliação dos modos de ensino de leitura e escrita, acrescentando representações multimodais.

Desta forma, a BNCC ressalta a importância do preparo dos educandos para a vida social, bem como profissional, a fim de que sejam capazes do pleno exercício da cidadania. Além disso, buscar a expansão da utilização das novas tecnologias no aprendizado que contribui com a inclusão e com os ideais democráticos do documento. Há diversas formas de ensinar e aprender, o uso do Padlet como estratégia pedagógica pode ser considerado colaborativo pelo uso das tecnologias digitais, promovendo interação e aprendizagens que vão além das barreiras da sala de aula.

CAPÍTULO 3 - O USO DO PADLET COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE CASO

Esta pesquisa faz uma reflexão a respeito das possibilidades do uso das tecnologias como suporte para as práticas sociais do letramento. Especificamente, selecionamos a ferramenta Padlet como estratégia pedagógica para aprendizagem colaborativa. Vale ressaltar que, para este estudo, houve uma abordagem de investigação a respeito dos processos sociais dos eventos de letramento do perfil desse novo leitor, chamado de leitor híbrido, presente na cultura digital.

Trata-se de um trabalho de caráter descritivo com base em um estudo de caso que tem como finalidade analisar as percepções dos docentes supracitados neste trabalho, especialmente, em suas aulas on-line durante a quarentena devido à pandemia da Covid-19. A meta foi verificar o uso das tecnologias digitais nas práticas de ensino, identificando de que modo os recursos digitais podem colaborar para uma aprendizagem significativa. Conforme Gil (2010), o estudo de cunho descritivo tem como objetivo primordial descrever as características e fenômenos acerca de determinado grupo.

O método escolhido para a pesquisa em questão foi o estudo de caso, visto que busca analisar como se deu o uso das tecnologias digitais utilizado pela professora Wanna Martins, do Estado do Espírito Santo. Ainda de acordo com Gil (2010, p. 141), nos estudos de caso “os dados podem ser obtidos mediante análise de documentos, entrevistas, depoimentos pessoais, observação espontânea, observação participante e análise de artefatos físicos”. Yin (2005) declara que o estudo de caso se trata de uma investigação empírica, o que permite a observação de um fenômeno inserido no contexto cotidiano.

O público-alvo do estudo faz parte de uma escola pública. As aulas foram ministradas durante a quarentena, as quais foram adaptadas para o formato remoto (não presencial), realizadas de forma síncrona e assíncrona³ por meio de recursos digitais de apoio à aprendizagem, de forma que fosse possível garantir o atendimento aos educandos neste período.

³ Entende-se que **aulas síncronas** são aquelas que acontecem em tempo real. Na educação à distância, isso significa que o professor e o aluno interagem, ao mesmo tempo, em um espaço virtual. Por sua vez, as aulas consideradas **assíncronas** acontecem sem a necessidade de uma interação em tempo real, sendo acompanhadas pelo estudante independente do horário ou local.

Graças à funcionalidade desta ferramenta no meio híbrido, o Padlet permite ao professor ser um facilitador do processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para que o aluno seja protagonista neste processo, exercendo sua criatividade e autonomia. Em relação ao letramento, pode-se dizer que proporciona excelentes contribuições, pois, no espaço digital, os alunos podem registrar aprendizagens, reflexões como também compartilhar suas experiências com os colegas de classe e professores. Por sua vez, os professores podem monitorar e colaborar com as atividades propostas, permitindo um espaço interativo, favorecendo o suporte na escrita, entre outros conhecimentos.

O critério utilizado para a escolha desta escola se deu pelo reconhecimento dos bons resultados obtidos no ensino e na aprendizagem da discente, utilizando o Padlet. Com isso, a Secretaria da Educação, do Governo do Estado do Espírito Santo, compartilhou em seu site as experiências inspiradoras com a utilização da ferramenta padlet. A professora Wana Martins, que leciona no Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral (CEEMTI) Monsenhor Guilherme Schmitz, localizado em Aracruz, afirmou o encanto com a ferramenta Padlet:

"Me encantei com as metodologias digitais, como o Padlet, que traz muita interação entre professores e estudantes, tanto no presencial quanto remoto. É fantástico observar, que enquanto estamos no presencial, temos também estudantes participando de forma remota. Eles amam curtir, comentar as postagens e participar ativamente desse processo educativo. No Padlet da escola fiz um cantinho do acolhimento, onde muitos puderam deixar uma contribuição quanto à metodologia trabalhada." (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO (SEDU), 2020: Disponível em:<<https://sedu.es.gov.br>>. Acesso em: 13, Dezembro, 2022. Professores utilizam ferramenta padlet para promover engajamento de estudantes.

A professora da rede Estadual demonstrou satisfação ao usar as tecnologias para o engajamento dos estudantes nas atividades, como o Padlet- ferramenta on-line que permite a criação de um mural ou quadro virtual dinâmico e interativo para registrar, guardar e partilhar conteúdo multimídia.

Em relação à técnica de coleta de dados, utilizou-se a observação direta das postagens dos padlets realizada pela professora e alunos da escola selecionada nesta pesquisa, a partir das experiências da docente, durante o ensino emergencial. Nestas postagens, constata-se que os estudantes compreenderam o conteúdo exposto pela professora, pois interagiram com novas publicações do conteúdo

sugerido, reforçando a ideia de que o padlet é uma ótima opção para avaliar o conhecimento dos estudantes, além de viabilizar trocas, correções, interações e a mediação do professor.

Segundo Yin (2005) valer-se de múltiplas fontes de evidências é fundamental para um estudo de caso, o que garante a validade dos resultados. A análise documental é de grande valia, pois, segundo o autor, “o uso mais importante de documentos é corroborar e valorizar as evidências oriundas de outras fontes” (YIN, 2005, p. 89).

3.1 – Ambiente de Pesquisa e Metodologia

O Padlet é recurso on-line, versátil e colaborativo, podendo ser utilizado como plataforma virtual de aprendizagem. O recurso escolhido viabiliza a interação entre alunos e professores, facilitando o acesso ao conteúdo. Atualmente, a sociedade está inserida em um contexto tecnológico. Em virtude disso, as tecnologias podem ser utilizadas na educação, de modo que sejam instrumentos para subsidiar o trabalho dos professores. Faz-se necessário que a escola desenvolva novas habilidades de ensino e aprendizagem aproveitando os recursos tecnológicos disponíveis. Sendo assim, as características multimodais do padlet proporcionam a construção de murais eficazes, motivando o diálogo, a interação e o aprendizado.

Por isso, a escolha pela ferramenta Padlet se deu em função de ser um recurso colaborativo, no qual os murais virtuais podem ser construídos e editados pelos alunos e professores, com facilidade de atualização e compartilhamento. Já a escola, esta foi selecionada pela notoriedade que teve durante a pandemia, sendo reconhecida pela Secretaria de Educação, do Estado do Espírito Santo, pelo desenvolvimento das atividades com o uso do Padlet.

A busca desta escola foi realizada através do Google. Para tanto, utilizou-se as palavras: padlet, ensino, aprendizagem, interação, pandemia e colaboração. Um dos resultados da pesquisa era uma notícia a respeito das experiências que deram certo com o uso do padlet durante a quarentena da Covid-19. As escolas da Rede pública Estadual do Espírito Santo exploraram as tecnologias para promover o engajamento entre os estudantes durante a crise instaurada no mundo, de forma que pudessem trocar experiências por meio das atividades propostas.

Com isso, o Google trouxe em destaque a reportagem que foi realizada pela Secretaria de Educação, do governo do Espírito Santo, destacando o trabalho da professora Wana Martins, que tinha como título “Professores utilizam ferramenta Padlet para promover o engajamento dos estudantes”. Dado este fato, surgiu o desejo de conhecer um pouco mais sobre o trabalho realizado na escola. Assim, a instituição foi escolhida porque teve seus resultados reconhecidos pelo referido Estado, provando a eficácia da ferramenta Padlet.

A escola está localizada em Aracruz – Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral (CEEMTI) Monsenhor Guilherme Schmitz, do Estado do Espírito Santo. Na reportagem sobre o trabalho da docente havia um link que direcionava aos murais confeccionados pela professora e pelos estudantes. Dos mais de setenta Padlets construídos pela escola, selecionaram-se ao todo vinte padlets, com o intuito de observação e análise dos conteúdos, optou-se pelos Padlets mais dinâmicos e atrativos.

É relevante apresentar dados educacionais, bem como considerar o perfil socioeconômico da escola supracitada. A escola Estadual Monsenhor Guilherme Schmitz situa-se na Rua Aristides Bitti, 350, Aracruz – Espírito Santo. Segundo o Censo Escolar (2021), havia 490 matrículas no ensino médio, 177 na Educação de Jovens e Adultos e 31 na Educação Especial. A taxa de rendimento demonstra que também não houve reprovações nem abandonos. O corpo docente possui 71 professores que ministram aulas nas modalidades de ensino médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos). No ano de 2019, a escola alcançou 89% de participação no ENEM, com 108 alunos inscritos. A média geral dos estudantes no referido exame foi de 510 pontos, excluindo a redação. De acordo com o perfil socioeconômico da escola, os estudantes estão até meio desvio-padrão acima da média nacional. Considerando a maioria dos estudantes, a mãe/responsável tem o ensino médio completo ou ensino superior completo, o pai/responsável tem do ensino fundamental completo até o ensino superior completo. A maioria possui uma geladeira, um ou dois quartos, um banheiro, wifi, máquina de lavar roupas, freezer, um carro, garagem, forno de micro-ondas.

Analisando os conteúdos dos murais, percebe-se que os educandos selecionaram fotos, vídeos e textos dos assuntos propostos pela professora. Observa-se, também, a criatividade dos estudantes e o engajamento entre eles

através dos comentários publicados. A intenção é diagnosticar as características da turma e associá-la com a leitura, usando a tecnologia.

Em seguida, observaremos a partir das postagens dos Padlets, as estratégias utilizadas pela professora para a realização da prática colaborativa entre os estudantes, como verificação dos conteúdos selecionados e a prática pedagógica escolhida de acordo com o perfil de cada turma. Além disso, perceber como a professora trabalhou os multiletramentos com a turma de modo que fosse possível alcançar os objetivos propostos.

A escolha da ferramenta Padlet ocorreu pela possibilidade da prática social de letramento a partir do contexto híbrido. A vantagem é que o Padlet pode ser utilizado de modo híbrido e gratuito e não depende do fator on-line para seu uso, além da comunicação que possibilita através de inúmeros recursos e de sua visibilidade.

Na escola selecionada para esta pesquisa, há mais de setenta murais feitos pelos estudantes e professoras. O trabalho era realizado da seguinte forma: a docente publicava o conteúdo de cada atividade, explicando o passo a passo das tarefas e, em seguida, os alunos publicavam suas respostas, postando seus padlets e interações. Para este trabalho, foram escolhidos vinte murais. O critério de seleção foi feito a partir da relevância das publicações, ou melhor, selecionaram-se os padlets mais coerentes com as atividades requeridas.

As publicações dos Padlets ocorreram no primeiro ano de quarentena no Brasil, que teve seu início em março de 2020. Uma vez que este trabalho pretende analisar a ferramenta Padlet, apresentando suas funcionalidades no ambiente educacional, bem como tendo como finalidade, o uso das tecnologias digitais de modo que venha potencializar a aprendizagem dos educandos. A escolha desta investigação é para observar as práticas de leitura e escrita no ciberespaço e entender como as ferramentas digitais colaboram no processo de ensino e aprendizagem multimodal.

3.2 – A ferramenta Padlet

Segundo Sérvio (2022), a ferramenta Padlet (<https://padlet.com>) foi criada por uma *startup* de tecnologia educacional norte-americana, denominada Wallwisher, por Nitesh Goel e Pranav Piyush, em 2012. Trata-se de um aplicativo da internet no

qual é possível criar hiperdocumentos a partir de blocos de conteúdo em conjunto com texto, arquivos de áudio, imagens, vídeos e outros conteúdos por meio de links. O objetivo deste recurso é tornar os usuários mais produtivos por meio de quadros e murais que podem ser de grande ajuda em projetos colaborativos.

No que diz respeito à educação, a ferramenta Padlet pode ser um recurso eficaz para a sistematização das informações, bem como para expressar opiniões, auxiliando, também, na produção de textos elaborados pelos alunos. Por ser uma ferramenta online, gratuita e fácil de registrar, permite a criação de um quadro virtual dinâmico e interativo que serve para guardar e compartilhar conteúdo multimídia. O interessante é que funciona como uma folha de papel, na qual é possível inserir qualquer conteúdo, tais como: texto, imagens, vídeo, hiperlinks. Além disso, com a mesma conta pode-se criar inúmeros murais.

Nota-se que o Padlet é uma ferramenta bastante versátil, pois através dele se podem criar e organizar conteúdo online, utilizando murais envolventes, criativos e colaborativos, permitindo a interligação de textos, vídeos, imagens e, até mesmo, links.

O Padlet possui uma versão totalmente gratuita que funciona em diversos dispositivos, porém há algumas limitações, como a criação de apenas três quadros, o upload de arquivos de no máximo 25 MB. Caso haja necessidade, o usuário pode optar pelo upgrade para a versão premium, que atualmente sai por US\$ 3 mensais ou US\$ 30 por ano, podendo desbloquear anexos de até 250 MB por upload.

Antes de contratar o Padlet, há a possibilidade de testar o serviço por 30 dias gratuitamente. Para ter acesso ao Padlet, o usuário deve acessar o site <http://pt-br.padlet.com>, criando uma conta com os seus dados. A forma de acesso é simples, a navegação pode ser realizada por dispositivos móveis ou computadores. Conhecida como uma ferramenta inteligente, este recurso pode ser utilizado de modo síncrono e assíncrono.

Para criar uma conta no Padlet, basta clicar na opção 'Inscrever-se gratuitamente'. Para que seja criado um mural, é necessário que o usuário clique em "Criar novo mural". Depois de criado, é possível modificar o mural, mudar o fundo, a descrição, entre outras tarefas permitidas.

Por ser uma ferramenta prática, verifica-se que não há a necessidade de grandes habilidades para o seu manuseio, uma vez que existem instruções precisas, em língua portuguesa, para que a navegação seja bem-sucedida.

Além disso, o usuário pode optar pela privacidade de seu mural, permitindo que somente usuários convidados tenham acesso através do e-mail. Já o mural público é encontrado facilmente em sites de buscas, por exemplo, o Google, por exemplo. É viável a atribuição de senha ao mural criado, que deve ser ofertada aos outros usuários que desejam o acesso. Normalmente, o link fica oculto para o Google, porém são permitidas visualizações e alterações subsequentes. Alguns recursos são simples de utilizar, ao criar uma caixa de texto, por exemplo, o usuário precisa apenas clicar duas vezes sobre o mural.

Além disso, a escolha pelo Padlet vem da vantagem de propiciar a comunicação escrita, favorecendo ao professor uma visão ampliada na construção do conhecimento. Outro atributo deste recurso digital é a possibilidade de inserção de diferentes mídias, ocasionando o manuseio de recursos dinâmicos para os estudantes, permitindo a participação de todos no processo educacional. Acredita-se que esta ferramenta viabiliza o desenvolvimento do pensamento crítico, considerando que os alunos estarão inseridos em situações de exposição das suas próprias ideias, contudo fundamentados em dados da pesquisa, opiniões distintas, fatos, informações, com as quais poderão concordar ou não.

Essa forma de expressão favorece o amadurecimento em relação às atitudes do cotidiano. Outro fator que levou à escolha dessa ferramenta é poder realizar as tarefas de forma assíncrona.

Observando o modo como os nativos digitais utilizam o espaço digital, MONEREO E POZO (2010, p. 103) ressaltam que “a comunicação assíncrona fica restrita às comunicações e trocas que exigem certo grau de planejamento, reflexão e formalismo”. A chance de acontecer uma comunicação de forma assíncrona faz com que os educandos reflitam e reformulem suas ideias, levando-os a novos posicionamentos, atividades as quais demandam tempo. Essas considerações aguçam a curiosidade de conhecer um pouco mais ferramentas digitais colaborativas tal como o Padlet que serve para aulas assíncronas e síncronas.

Figura 2 – Página inicial do Padlet



Fonte: Padlet, 2020

Os usuários podem editar e adicionar links e organizar conteúdos em tempo real, ampliando habilidades para lidar com multimídia e redes. Podem ainda gerenciar inteiramente os murais criados, personalizando-os de acordo com suas finalidades, controlando, também, quais colaboradores poderão participar como editores.

Caso o usuário deseje compartilhar o Padlet com seus contatos ou até mesmo com outros usuários, faz-se necessário que se compartilhe o link. Com isso, as pessoas podem acessar e realizar postagens. Para tanto, a configuração deve ser disponibilizada para tal uso. Em sua página inicial, como podemos observar na Figura 1, o convite para que seus utilizadores possam linkar variadas mídias em um único bloco de conteúdo.

Por possuir inúmeros recursos, o Padlet pode ser usado para a aprendizagem, uma vez que se trata de uma ferramenta estratégica para que os educandos aprendam a filtrar informações na internet. O educador deve orientar esse processo fazendo com que o estudante ao usar o Padlet aprofunde o conhecimento sobre uma temática, provocando-o para que seu interesse seja aguçado na procura de informações, de modo que sua curiosidade e criticidade sejam estimuladas.

Figura 3 – Murais Hipertextuais no Padlet



Fonte: Padlet, 2020

Percebe-se que os murais podem ser organizados em diferentes formatos. Constatase que uma das potencialidades do Padlet é a de viabilizar novas estratégias pedagógicas, possibilitando uma aprendizagem mais dinâmica e cooperativa. A aquisição do conhecimento se por meio de interação na realização de atividades pedagógicas, que permitem a troca de informações entre professores e alunos na elaboração dos murais.

É imprescindível ampliar as possibilidades do educando em relação ao exercício da liberdade e autonomia nas tomadas de decisões em diferentes momentos do processo que vivencia, de modo que seja capacitado para o exercício profissional futuro. As novas aprendizagens fundamentadas pelo interesse, pela escolha e pela compreensão viabilizam maior engajamento entre os alunos e os professores.

Gianini (2017) declara que o Padlet como mural interativo se mostra dinâmico em relação ao seu uso, em virtude de possuir fácil acesso e gerenciamento da interface, bastando a criação de uma conta no próprio site ou pelo aplicativo, efetuando um simples cadastro, podendo ser usado em vários suportes operacionais - Android, Kindle ou IOS.

3.3 – Estudo de caso como estratégia didática para o uso do Padlet no ensino

Segundo Gil (2010), a finalidade do estudo descritivo é descrever as características e fenômenos acerca de determinado grupo. Gerhardt e Silveira (2009) afirmam que a abordagem qualitativa é caracterizada pelo aprofundamento da compreensão de um grupo social, de modo a explicar o porquê das coisas e o que convém ser feito. Por isso, esta pesquisa apresenta caráter descritivo e abordagem qualitativa.

Escolheu-se o estudo de caso, dado que o intuito é analisar de que modo ocorre o uso das tecnologias digitais pelos docentes durante o ensino emergencial, vigente desde março de 2020 em ambas as escolas selecionadas, posto isso, conforme Yin (2001) descreve o método é escolhido para examinar acontecimentos contemporâneos através de investigação empírica. Para apresentar os dados encontrados, optou-se, por questões de ética de pesquisa, referir-se aos sujeitos por meio de codinomes de letras do alfabeto brasileiro.

3.3.1 - Padlets do Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral (CEEMTI) - Monsenhor Guilherme Schmitz

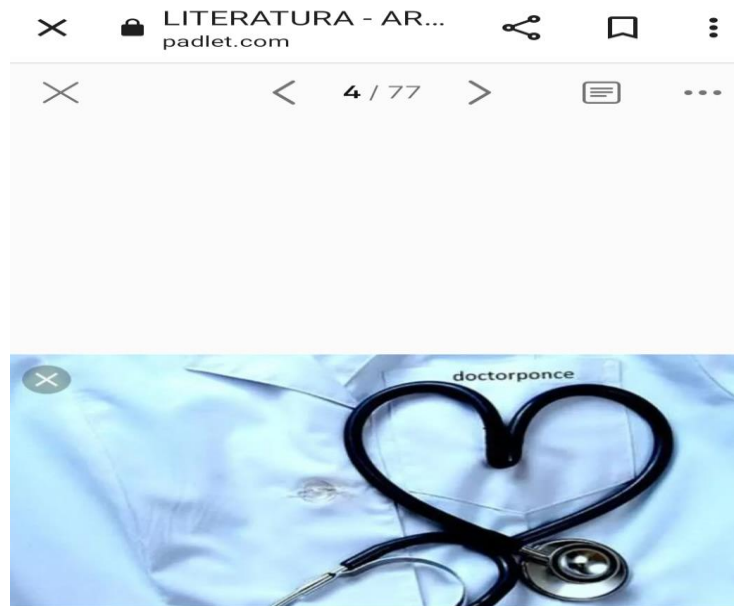
O Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral (CEEMTI) - Monsenhor Guilherme Schmitz - localizado em Aracruz, através da professora de Língua Portuguesa Wana Martins de Almeida Bahiense, utilizou o Padlet para ministrar suas aulas sobre o Arcadismo⁴, na turma de primeira série do ensino médio. Trinta e quatro colaboradores participaram da proposta. O objetivo da professora ao usar a ferramenta foi o de enriquecer o conteúdo e promover a interação entre os estudantes.

O curso foi organizado com seis aulas, mais sugestões de atividades para que pudessem interagir nas postagens. Conforme observado pelos depoimentos dos alunos, apresentaram conhecimento e segurança em relação ao uso básico do

⁴ O Arcadismo foi o principal movimento literário do século XVIII. Uma das principais características árcades é a herança da cultura clássica (greco-latina e renascentista). Caracterizou-se por retomar as temáticas da Antiguidade greco-latina e pela ênfase em descrições bucólicas da natureza. O nome dessa escola estética refere-se à Arcádia, região campestre de onde viviam pastores e poetas.

computador. Como podemos constatar nas falas dos estudantes com a inserção de imagens de outras páginas da internet, interação e curtidas:

Figura 4 - Medicina

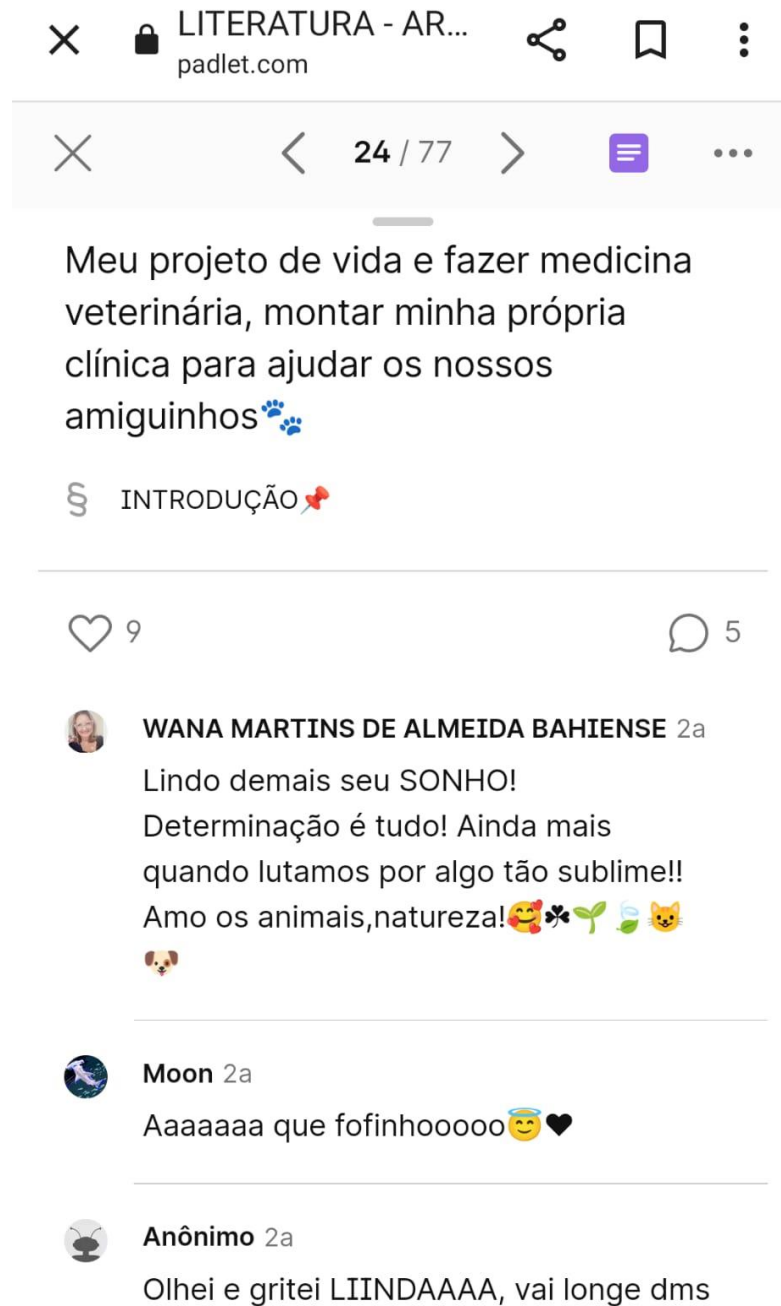


Fonte: Padlet do Centro Estadual Monsenhor Guilherme Schmitz

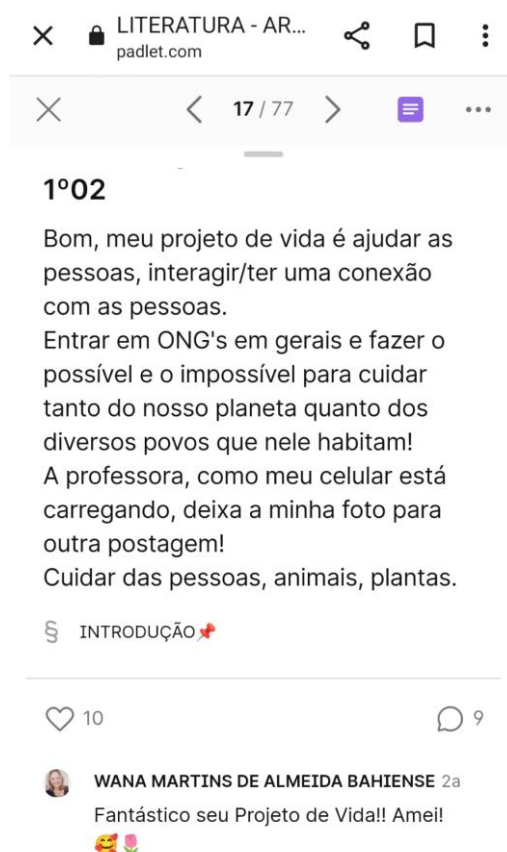
Figura 5 - Comentários Medicina



Fonte: Padlet do Centro Estadual Monsenhor Guilherme Schmitz

Figura 6 – Medicina Veterinária

Fonte: Padlet do Centro Estadual Monsenhor Guilherme Schmitz

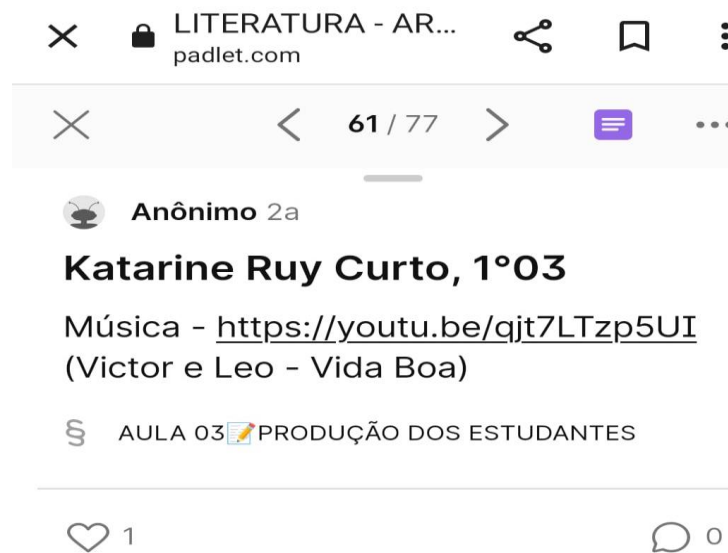
Figura 7 – Medicina Veterinária 2

Fonte: Padlet do Centro Estadual Monsenhor Guilherme Schmitz

As tarefas orientadas por meio do Padlet foram realizadas a distância. Isso demonstra que o recurso pode ser utilizado como ambiente virtual de aprendizagem, além de facilitar o compartilhamento de materiais e a interação entre os envolvidos, que podem curtir, editar e comentar as postagens dos conteúdos publicados.

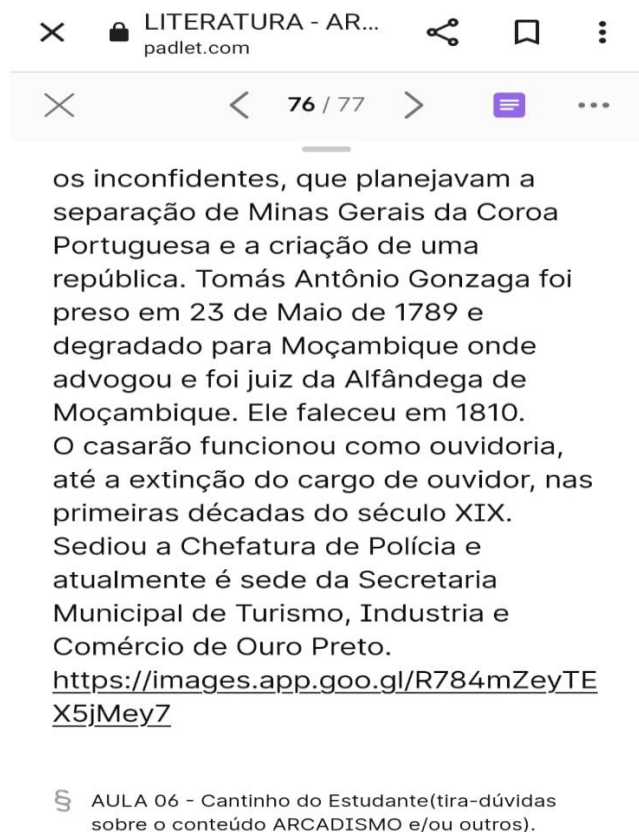
Constata-se, também, que os sujeitos tiveram facilidade na navegação pelo Padlet e compreensão da lógica dos hiperlinks. Pode-se verificar a contribuição dos alunos na devolutiva das atividades, a fim de enriquecer suas respostas, os alunos utilizaram links para conectar aos seus textos informações complementares, podendo acessá-las posteriormente e, com isso, tornando o conteúdo mais rico, deixando as tarefas mais atrativas. Nas atividades, a professora de Literatura solicitou aos alunos links com músicas que pudessem lembrar de alguma forma as ideias árcades (vida simples e bucólica). Nos próximos padlets, notam-se as respostas dos estudantes:

Figura 8 – Link 1



Fonte: Padlet do Centro Estadual Monsenhor Guilherme Schmitz

Figura 9 – Link 2



Fonte: Padlet do Centro Estadual Monsenhor Guilherme Schmitz

No início do mural, há um espaço especial chamado de “cantinho do acolhimento”, no qual a professora dá as boas-vindas aos estudantes e apresenta o assunto ministrado nas publicações que dizem respeito ao Arcadismo. Encontram-se vários murais postados pelos alunos, demonstrando interações do assunto proposto pela disciplina. A professora provoca a turma com uma pergunta inicial acerca da ideia dos árcades viverem de forma prazerosa junto à natureza e solicita a opinião dos estudantes.

Figura 10 – Arcadismo



Fonte: <https://padlet.com/wanabahiense/ArcadismoBrasil>

A partir da resposta da turma, nota-se a leitura de mundo e a capacidade dos envolvidos em participarem do mundo digital. Para Lévy (1999), esse conceito é compreendido como um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), associados às práticas, atitudes, modos de pensamentos e valores desenvolvidos em conjunto com o crescimento do ciberespaço. Tal como Pischetola (2016) aponta ser inserido na cultura digital não se trata de acessar hardware e software, mas, sobretudo, possuir habilidades de navegação e saber ler produzir de modo eficiente no

ambiente digital. Essa impressão pode ser notada na postagem da primeira aluna, chamaremos de estudante A, em que encontramos a seguinte colaboração:

“Não tenho dúvida alguma quanto ao poder da natureza sobre mim. Quando consigo me conectar com ela, sinto que me conecto também com a minha essência mais verdadeira. É na natureza que descubro quem eu sou e tenho tudo o que preciso. É a troca mais justa que já conheci”. (Estudante do Centro Estadual Monsenhor Guilherme Schmitz).

Percebe-se nesta resposta, que a professora conseguiu alcançar seu objetivo, pois percebemos perfeito entendimento deste estudante aos conteúdos ministrados pelos padlets, a perfeita associação às características do Arcadismo. Para os poetas árcades, o ser humano só atingiria a perfeição, ou melhor, a plenitude se estivesse conectado à natureza, pois a sociedade o corrompe (linha de pensamento de Rousseau). Neste sentido, o eu lírico árcade é um pastor que prega a vida no campo como sendo a maneira possível de atingir a felicidade. Assim, o cenário é repleto de verde e montes. Este estudante também postou esta imagem, complementando sua atividade:

Figura 11 – Natureza

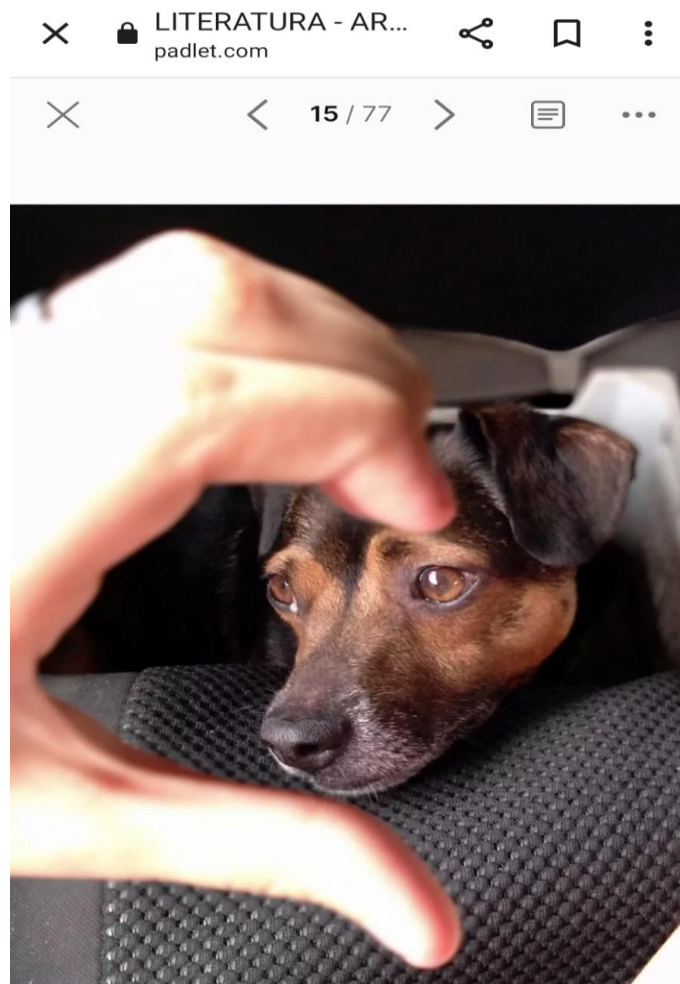


Fonte: <https://padlet.com/wanabahiense/ArcadismonoBrasil/wish/951836049>

Verificam-se as principais características do Arcadismo na postagem em questão, uma vez que a natureza e tudo o que diz respeito são exaltados. Os poetas árcades defendiam o bucolismo como estilo de vida, longe dos centros urbanos. A educanda entende bem a temática da aula devido à imagem anexada, bem como pelo comentário deixado.

Além do mais, a presença de outros estudantes comentando o que foi postado evidencia a interação social. E, de acordo com a teoria sociocultural de Vigotsky (1998), as interações são a base para que o indivíduo seja capaz de compreender as representações mentais do seu grupo social. O autor considera a interação social e a cultura como responsáveis pelo desenvolvimento psicológico do ser. Nota-se que as tecnologias digitais potencializam a aprendizagem dos estudantes. Evidencia-se, claramente, a interação dos demais colegas de classe:

Figura 12 – Cão



Fonte: <https://padlet.com/wanabahiense/ArcadismonoBrasil/wish/951836049>

Figura 13 – Comentários Cão

Meu sonho é dar à natureza todo amor e carinho que estiver dentro de mim, retribuir tudo de bom que ela me proporciona todos os dias. E vou retribuir me tornando uma Médica Veterinária de animais silvestres!!! ♥

§ INTRODUÇÃO 🌸

12 7

WANA MARTINS DE ALMEIDA BAHIANSE 2a
Que fofo! 🥰 Que lindo seu sonho, seu PROJETO DE VIDA!! 💕

WANA MARTINS DE ALMEIDA BAHIANSE 2a
Fiquei encantada com suas palavras!! 🌸

Fonte: <https://padlet.com/wanabahianse/ArcadismonoBrasil/wish/951836049>

[Redacted] 2a
Como eu já te disse uma vez e retornarei a repetir sempre... Você vai conseguir! Todos nós sabemos disso, e com certeza a natureza vai ficar muito grata em receber esses seus carinho e amor enormes! 😊

[Redacted] 2a
Vc consegue, eu sei disso. Uma pessoa maravilhosa como vc sempre luta pelo que quer. Te amo tampinha 💕💕 Miga maravilhosa

Moon 2a
Rsrs, demais!, Agarre seus sonhos e não solte os nunca garota, um dia ele é

[Redacted] 2a
Valeu gente!!! 💕

O fato de a professora de Língua Portuguesa ter sugerido que os alunos pesquisassem sobre músicas e imagens árcades, anexando links para acessá-los, favoreceu a compreensão do tema da aula proposta, além da criatividade encontrada nas postagens. Esta conduta da educadora evidencia que o ato de ensinar deve propiciar o protagonismo, a autonomia, bem como a emancipação dos discentes, despertando neles o interesse pelo conhecimento, assim, concede a oportunidade da construção do saber “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

O estudante C anexa imagem e link para música <https://youtu.be/qjt7LTzp5UI> (Victor e Leo - Vida Boa) que auxiliam na compreensão do tema estudado. Percebam a figura 14:

Figura 14 – Paisagem



Música – <http://youtu.be/qjt7LTzp5UI> (Vitor e Leo - Vida Boa)

Fonte: <https://padlet.com/wanabahense/ArcadismonoBrasil/wish/957447365>

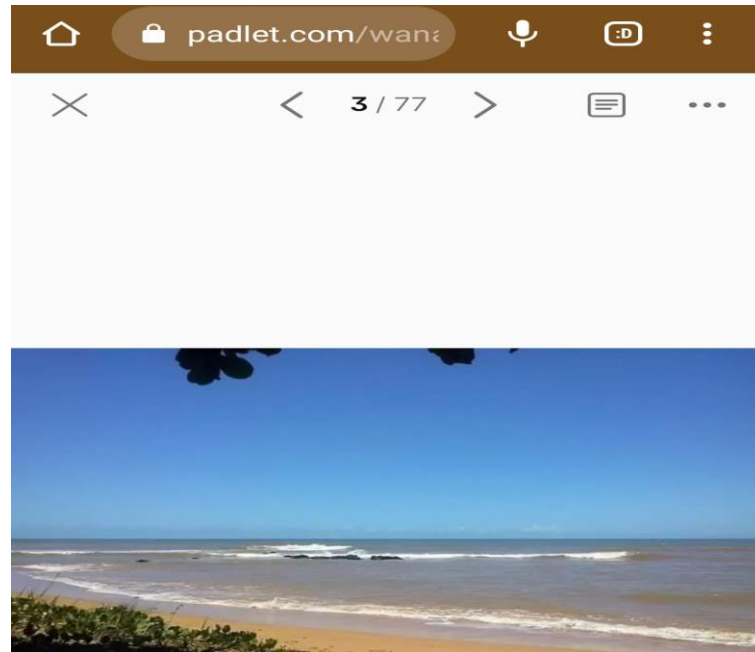
A música e a imagem escolhida pelo estudante C retratam a vida interligada com a natureza, conforme o tema da aula. Verifica-se em alguns fragmentos da música “Vida Boa”, escrita por Victor Chaves, a valorização da natureza, animais e relata a vida de quem vive no campo, cercado por verde e montes: “Tenho tudo aqui/ Umas vaquinhas leiteiras / Um burro bão / Uma baixada ribeira / E um violão e umas galinhas ai ai”. A letra da canção se refere, na verdade, a uma variedade regional, específica do interior em alguns estados brasileiros, onde se vive uma vida mais tranquila, relatando a simplicidade de morar no sertão, uma vida sem preocupações, em que tudo de bom está acontecendo, vislumbrando a natureza.

O padlet demonstra potencial de amplificação, a respeito disso mencionam Monteiro, Rodrigues e Moreira (2019) pela junção de múltiplas linguagens, como escrita, oral, sonora e outras, unificadas em um novo modelo de organização de conteúdo, promove a recepção/compreensão das informações transmitidas, em virtude de proporcionar inúmeras representações das informações por intermédio das linkagens.

Sem contar com a hipertextualidade presente no aplicativo, viabilizando que o conhecimento seja adquirido de forma não-linear e não-sequencial, na qual os estudantes têm liberdade para serem criativos, estabelecendo conexões, de modo que possam aprimorar o modo de escrever e ler, bem como ter a oportunidade de

adquirir novas aprendizagens. Presencia-se nesta outra postagem, a imagem de uma praia, exemplificando a natureza e a beleza da paisagem pela fotografia colorida:

Figura 15 – Praia

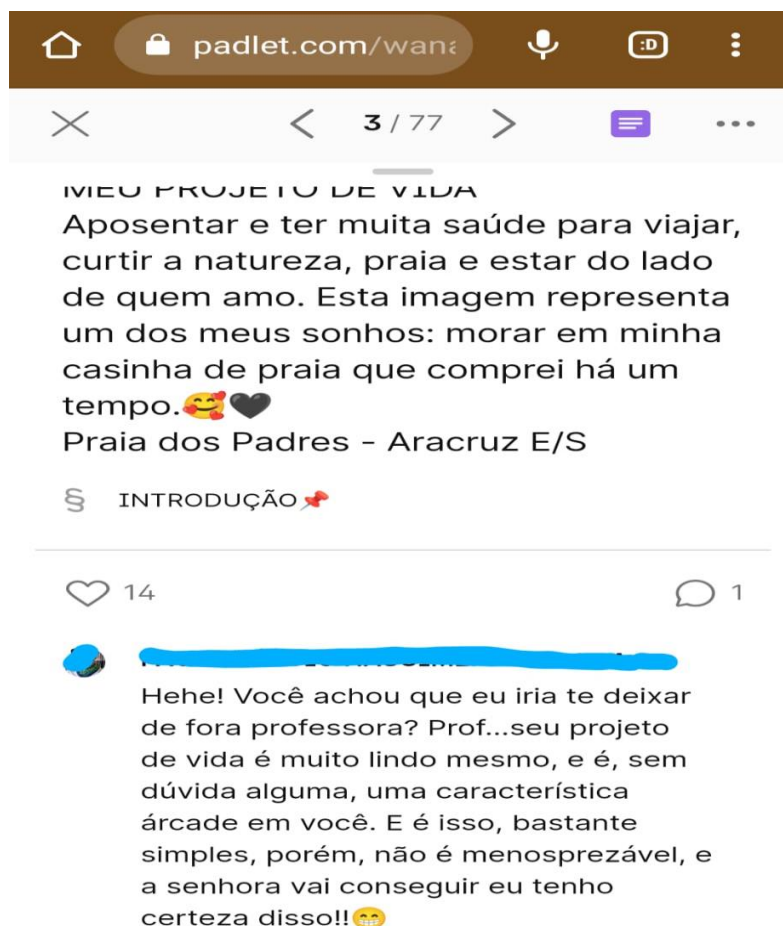


Fonte: <https://padlet.com/wanabahiense/ArcadismonoBrasil/wish/957447365>

Nota-se que as imagens dos padlets, habitualmente, são atrativas. Verificam-se nestas cores variadas, fontes de letras diversas, objetivando, assim, a leitura por meio da tela do computador. Santaella (2011) destaca que a leitura está ocorrendo em novos contextos por diferentes leitores “[...] Há, assim, o leitor da imagem, no desenho, pintura, gravura, fotografia. Há leitor do jornal, de revistas [...]” (SANTAELLA 2011, p.18). O mundo atual e a cultura digital têm preparado o leitor para um contexto híbrido de leituras. A professora usou como estratégia o uso de tecnologias digitais, no contexto escolar. Essas práticas viabilizam o desenvolvimento de práticas sociais de leitura digital.

Os alunos interagem com curtidas e comentários a foto da praia, ligando a imagem ao conteúdo do Arcadismo, o qual valoriza a natureza e a paz interior:

Figura 16 – Comentário Praia



Fonte: <https://padlet.com/wanabahiense/ArcadismonoBrasil/wish/957447365>

Constata-se que a multimodalidade também está presente na escrita. Quando o educador se propõe a trabalhar com as ferramentas digitais, verifica-se que as possibilidades de ensino são plurais:

As possibilidades de ensino são multiplicadas se utilizarmos ferramentas digitais. É possível formar redes descentralizadas para incentivar a interação; trabalhar com imagens (fator que modifica o conceito de comunicação); navegar por textos da web; utilizar animação para simplificar atividades complicadas e propiciar aos estudantes o sentimento de serem autores de seus trabalhos, uma vez que tudo pode ser publicado e exibido na internet. (ROJO e MOURA, 2012, p. 40).

Através das novas possibilidades midiáticas, os educandos têm a chance de ampliar seu vocabulário e difundir sua linguagem. O Padlet pode ser um espaço para realizarem as práticas de leitura e da escrita, permitindo novas maneiras de

acessar informações, construírem conhecimentos, como também ler e escrever de nova forma, proporcionando, assim, novos letramentos.

A professora Wana Martins usou a versatilidade do Padlet, inserindo murais envolventes, criativos e colaborativos, com a interligação de textos, vídeos, imagens, bem como links. Com isso, a educadora oferece aos alunos o contato com diferentes mídias, permitindo uma aprendizagem mais dinâmica. A presença de múltiplas linguagens nos padlets exigem multiletramentos:

É o que tem sido chamado de multimodalidade ou multissemiose dos textos contemporâneos, que exigem multiletramentos. Ou seja, textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar. (ROJO e MOURA, 2012, p. 19).

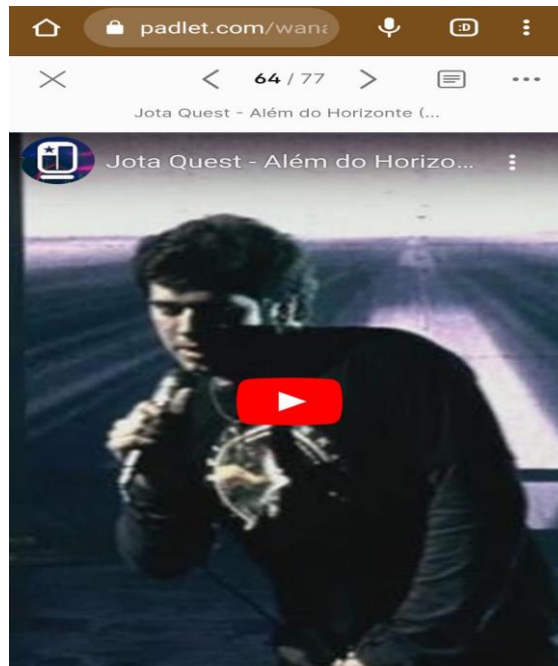
Nesta perspectiva, novas práticas são requeridas, os letramentos tornam-se múltiplos com tantas ferramentas disponíveis. Nestes murais, há interatividade e dão a possibilidade aos educandos de criarem novos textos, vídeos, músicas e serem mais colaborativos.

Assim:

Estamos caminhando para uma nova fase de convergência e integração das mídias: tudo começa a integrar-se com tudo, a falar com tudo e com todos. Tudo pode ser divulgado em alguma mídia. Todos podem ser produtores e consumidores de informação. A digitalização traz a multiplicação de possibilidades de escolha, de interação. A mobilidade e a virtualização nos libertam dos espaços e dos tempos rígidos, previsíveis, determinados. (MORAN, 2000, p. 14).

A partir da reflexão de Moran (2000), percebe-se que, nos murais apresentados, é possível notar o acesso à informação instantânea e incorporação dos multiletramentos. Além do mais, testifica-se que tem aumentado, consideravelmente, o número de alunos que estão usando as tecnologias de informação e comunicação. A próxima figura traz um vídeo musical que busca dialogar com a Literatura, com figuras, imagens, som, entre outros recursos utilizados para que o ensino seja mais rico e eficaz.

Figura 17 – Jota Quest



Fonte: <https://padlet.com/wanabahiense/ArcadismonoBrasil/wish/957447365>

Considerar toda essa multiplicidade cultural é fundamental para que se possa obter uma educação emancipadora, comprometida com a formação intelectual do educando. As postagens dos Padlets apontam que os textos são constituídos por várias semioses, preparando o aluno para que seja capaz fazer uma leitura crítica destes textos.

Diferentemente, na leitura impressa, o leitor é limitado pelo espaço, realizando a leitura de forma linear. Nos dias atuais, o suporte textual disponível (celular, tablet, computador, entre outros) permite que o leitor decida seu percurso, podendo acessar links, navegar por outras páginas, buscar outros conteúdos, significados, enfim, decidir o rumo de sua leitura. Rojo (2009) expõe a respeito da importância de se oferecer aos alunos várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos), valorizando os letramentos múltiplos e os letramentos multissemióticos. Assim:

- Os multiletramentos ou letramentos múltiplos, deixando de ignorar ou apagar os letramentos das culturas locais de seus agentes (professores, alunos, comunidade escolar) e colocando-os em contato com os letramentos valorizados, universais e institucionais [...]
- Os letramentos multissemióticos exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita. O conhecimento e as capacidades relativas a outros meios semióticos

estão ficando cada vez mais necessários no uso da linguagem, tendo em vista os avanços tecnológicos: as cores, as imagens, os sons, o design etc., que estão disponíveis na tela do computador e em muitos materiais impressos que têm transformado o letramento tradicional (da letra/livro) em um tipo de letramento insuficiente para dar conta dos letramentos necessários para agir na vida contemporânea (MOITA & ROJO, 2004 apud ROJO, 2009, p. 107).

Neste viés, confirma-se nestes Padlets a ampliação e a democratização das práticas e eventos de letramento, dado os textos que circulam nesta escola. A professora propõe aos alunos diversas mídias, a fim de atingir a proposta da aula de Literatura. Traz a possibilidade de tratar o Arcadismo através de músicas contemporâneas, usando mídia com áudio, imagem em movimento para que possa atrair a atenção do aluno, mostrando exemplos lúdicos de como lidar com a vida na natureza, aprendendo outras culturas, ofertando, assim, outros tipos de letramentos e possibilitando a discussão do tema da aula.

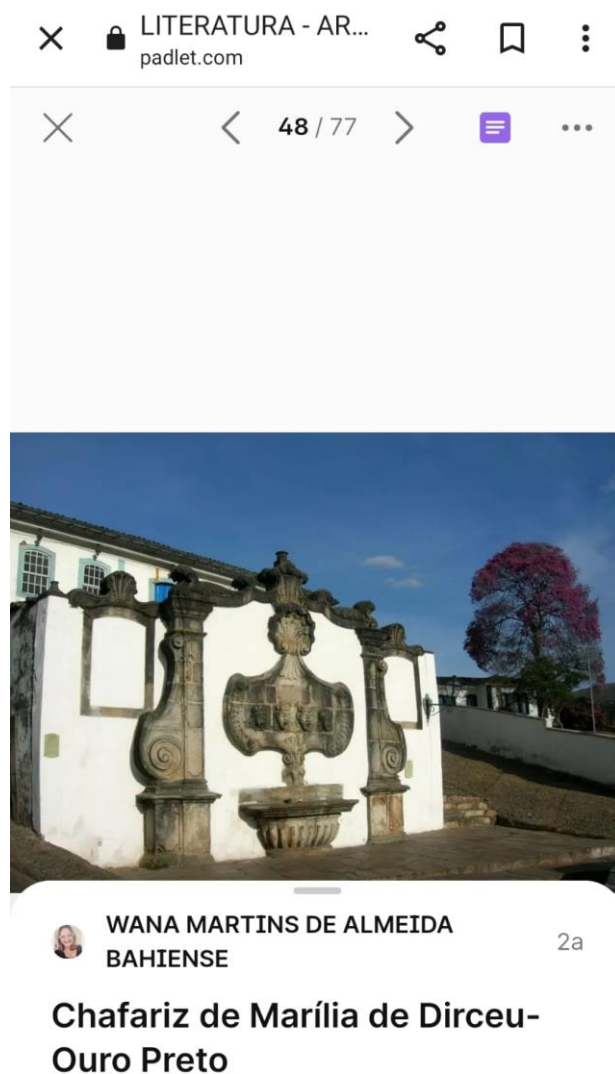
É essencial mostrar aos alunos que as práticas sociais também envolvem a linguagem, pois quando as pessoas agem socialmente utilizam formas multimodais, fazendo gestos, usando expressões faciais para que sejam compreendidos pelos outros, palavras, entre outros. Podem-se constatar tais ações nos vídeos explicativos incluídos nos Padlets da escola. Dionísio ressalta que as ações sociais são fenômenos multimodais:

As ações sociais são fenômenos multimodais, consequentemente, os gêneros textuais falados e escritos são também multimodais porque quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações. (DIONÍSIO, 2011, p. 139).

Há a presença, também, de imagens, linguagem verbal e não verbal, além de cores e animações para que o aluno possa interagir, realizando a atividade que lhe foi proposta. Percebe-se que a forma em que os quadros estão dispostos garante a complementação das linguagens, permitindo ao leitor a compreensão da atividade. A possibilidade de o aluno interagir com autonomia, viabiliza a chance de assumir o seu papel de leitor proficiente. Assim, identificam-se, no contexto de interação, novas habilidades para que se atinjam os propósitos comunicativos. Na figura abaixo, temos a imagem do chafariz do século XVIII, ao lado da casa que pertenceu

à família de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas (a Marília de Dirceu). A professora explica, utilizando a linguagem verbal e não verbal, dizendo que, na ponte em frente ao chafariz, era conhecida como Ponte dos Suspiros, pois nesta Marília suspirava por Tomás Antonio Gonzaga (Dirceu). A figura do chafariz é exposta em um dos padlets, perceba:

Figura 18 – Chafariz



Fonte: <https://padlet.com/wanabahiense/ArcadismonoBrasil/wish/957447365>

Diante desses murais, verifica-se que a utilização dos Padlets pode auxiliar no desenvolvimento digital dos estudantes, assim como favorecer o letramento crítico, ao passo que os engajam em uma atividade reflexiva, permitindo que busquem

informações, interpretem e contrastem-nas, trazendo assuntos significativos para a comunidade escolar.

O letramento multissemiótico, na escola, contribui para que os alunos sejam estimulados na busca pelo conhecimento. Trazer as práticas sociais e eventos de letramento para o cotidiano dos alunos como Rojo (2009) aponta permite à escola a potencialização do diálogo multicultural:

[...] trazendo para dentro dos muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torna-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica. Para tal, é preciso que a escola se interesse por e admita as culturas locais de alunos e professores. (ROJO, 2009, p. 115).

Nos padlets seguintes, constata-se que ampliação dos letramentos por meio da pesquisa e interação. Nota-se, também, que o letramento digital foi alcançado, já que há demonstração de domínio de técnicas e habilidades para acessar, interagir, processar e desenvolver uma multiplicidade de competências na leitura das diversas mídias.

Figura 19 – Produção dos Estudantes



Fonte: Padlet do Centro Estadual Monsenhor Guilherme Schmitz

As tecnologias viabilizam o uso de novos métodos de ensino, o domínio das mídias e de ferramentas tecnológicas permite novas práticas de leitura e escrita em

contextos digitais. Nessa perspectiva, o professor não é apenas aquele que transmite o conhecimento, torna-se um mediador, corroborando para que o aluno seja autor do processo de construção do conhecimento. Assim, professores mediadores são fundamentais para o aprimoramento das práticas escolares:

Uma boa escola precisa de professores mediadores, motivadores, criativos experimentadores, presenciais e virtuais. De mestres menos “falantes”, mais orientadores. De menos aulas informativas, e mais atividades de pesquisas e experimentação. De desafios e projetos. Uma escola que fomente redes de aprendizagem, entre professores e alunos onde todos possam aprender com os que estão perto e com os que estão longe – mas conectados – e onde os mais experientes possam ajudar aqueles que têm mais dificuldades. (MORAN, 2013, p. 26-27)

Moran (2013) defende uma prática docente com mais experimentos. Faz-se necessário que o professor ofereça aulas mais dinâmicas, fazendo a mediação na construção do conhecimento para que o aluno seja mais colaborativo e mais ativo. Tal como é visto neste mural, em que o aluno pesquisa sobre o tema proposto, tornando sua aprendizagem mais significativa. Veja a próxima figura:

Figura 20 – Cantinho do Estudante



Fonte: Padlet do Centro Estadual Monsenhor Guilherme Schmitz

Wana Martins criou um espaço chamado *Cantinho do Estudante*, com o intuito de sanar dúvidas sobre o conteúdo do Arcadismo, permitindo, também, outros tipos de participação dos alunos, de modo que possam ser colaboradores para

ajudar os demais alunos no entendimento da matéria. Comprova-se este fato com a figura acima, o aluno faz uso de uma linguagem mais informal, utilizando gírias e imagens para realizar a atividade, detecta-se que os alunos que entenderam o conteúdo, procuram de alguma forma, alcançar aqueles que não obtiveram o entendimento. Rojo e Moura (2012) salientam a importância de trazer aulas inovadoras:

[...] a própria concepção de aula se ressignifica, na medida em que deixa de ter como base a transmissão oral e escrita da verdade, sistematizada pelo (a) e pelos textos didáticos e científicos utilizados. As aulas ficam cheias de bricolagens das semioses: do som, da imagem e da escrita por meio de textos, fotografias, desenhos, pinturas, animações, vídeos, jogos, dentre outros, cujo trajeto seria definido a partir de uma lógica estabelecida e ressignificada pelos alunos e professores. Dessa forma, o processo de ensino estaria contribuindo para a construção de uma educação conectada com as necessidades atuais e para a produção de saberes plurais, coletivos e interativos. (ROJO e MOURA, 2012, p. 93)

É essencial considerar tanto os letramentos locais quanto os globais dos alunos. A partir da cultura local, a professora poderá ensinar aos alunos outros tipos de letramentos, culturas, gerando novos sentidos e novas aprendizagens:

[...] os professores devem partir dos letramentos que os leitores já possuem, sem menosprezá-los ou criticá-los, e apresentar e ampliar outros que vão sendo adquiridos e potencializados à medida que os alunos interagem com as obras disponibilizadas em ambiente virtual[...]. (ROJO e MOURA, 2012, p. 103).

As novas tecnologias de informação e comunicação trazem para o contexto escolar textos multissemióticos com diversas imagens em movimentos, outras estáticas, links diversos, áudios e cores que chamam a atenção dos usuários ampliando a noção de letramentos para multiletramentos. Na figura 15, o aluno participa da atividade preenchendo um formulário que foi inserido no Padlet:

Figura 21 – Formulário



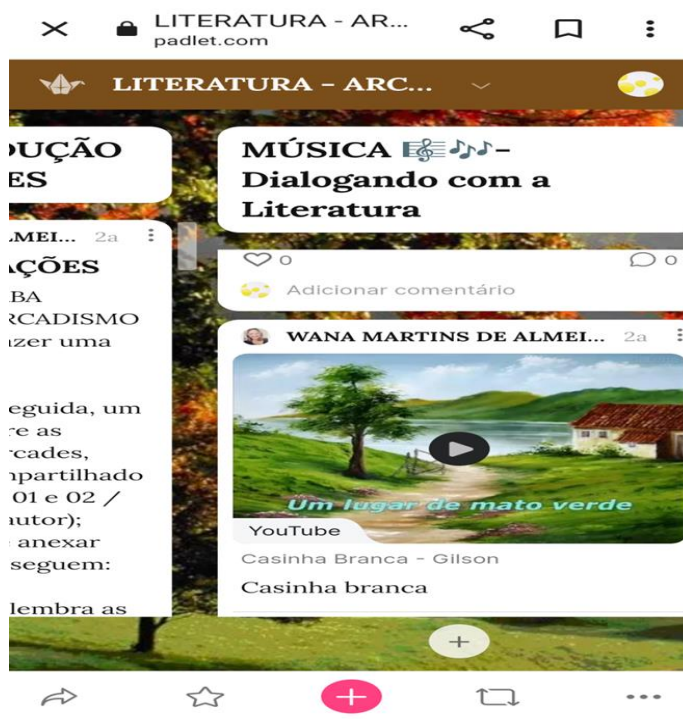
Fonte: Padlet do Centro Estadual Monsenhor Guilherme Schmitz

Este padlet demonstra que o trabalho com as mídias digitais influenciou o modo de averiguar a aprendizagem dos estudantes. A avaliação não foi realizada de modo tradicional, a docente utilizou o Google Formulários para criar questões sobre o conteúdo, por meio do qual pôde fazer uso de imagens coloridas, links e fontes variadas.

A educadora propõe a tarefa “Dialogando com a Literatura”, na qual se tem a oportunidade de trazer músicas que dialoguem com o Arcadismo. A professora de Literatura dá início à atividade trazendo a música “Casinha branca”, a fim de que os alunos percebam na letra da música características do estilo literário estudado. Deste modo, os alunos se mostram participativos colocando links que levam os usuários a navegarem por outras páginas, ouvindo outras canções, mostrando a interação e o aprendizado requeridos pela docente. Além do mais, o link (Hipertexto) promove a habilidade pela busca e acesso às informações. Assim:

A multimodalidade, ou seja, as informações apresentadas usando não apenas elementos linguísticos como palavras, frases, mas também animações, vídeos, sons, cores, ícones. Saber ler e produzir textos explorando essas linguagens faz parte das competências dos digitalmente letrados, com exigências sociais e motivações pessoais cada vez mais precoces. (RIBEIRO; COSCARELLI, 2007, p.182).

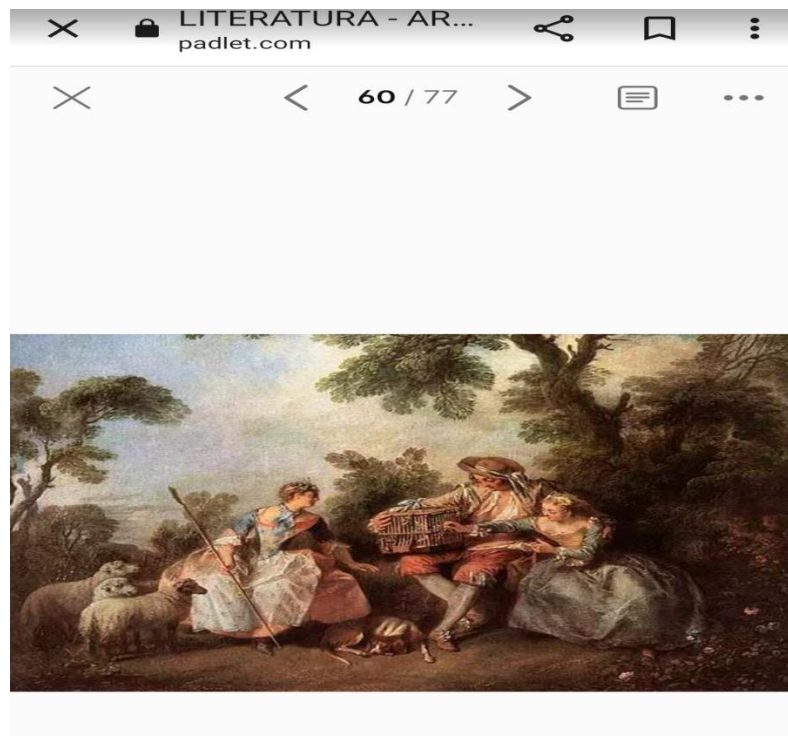
Figura 22 – Dialogando com a Literatura



Fonte: Padlet do Centro Estadual Monsenhor Guilherme Schmitz

Os vídeos do YouTube tendem a enriquecer as aulas e as explicações dado seus aspectos multimodais, sendo gratuitos e estando sempre disponíveis aos usuários. A professora Wana utilizou os vídeos como estratégia pedagógica, enriquecendo suas aulas, facilitando o ensino e a aprendizagem. Além disso, o padlet permite o compartilhamento de todo o material trabalhado nos murais com a interação dos estudantes.

Por fim, o aluno expõe uma imagem que, segundo sua pesquisa, representa *fugere urbem* (fuga da cidade) e *locus amoenus* (lugar ameno):

Figura 23 – Fugere Urbem

Fonte: Padlet do Centro Estadual Monsenhor Guilherme Schmitz

Com isso, o estudante demonstra aprendizagem por meio da ferramenta padlet que propiciou a pesquisa, a visualização, o engajamento e a colaboração dos demais alunos e professores que tiveram envolvidos nestas tarefas.

Depreende-se que a ferramenta padlet, com todas as mídias disponíveis, facilita o trabalho do professor com a leitura e a escrita. Os alunos tiveram contato com diversas linguagens e gêneros textuais, trabalhando a criatividade, a escrita, a leitura, a pesquisa, a interação, entre outros. Ratifica-se que as tecnologias digitais contribuem na ampliação dos letramentos e na aquisição de múltiplas habilidades, permitindo os multiletramentos, ajudando na democratização do ensino e na inclusão digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser um novo modelo de organização de conteúdo hipertextual, o Padlet apresenta características relevantes que podem atuar de forma significativa no processo de ensino e aprendizagem. Nota-se que a construção dos murais dinâmicos e criativos envolve as competências e habilidades requeridas para a educação no contexto moderno.

Tem-se a necessidade de aprofundamento em pesquisas na área educacional, focando na temática das tecnologias digitais, já que se fazem necessários paradigmas educacionais que dialoguem com as inovações tecnológicas de nosso tempo. Assim, a busca por investimentos, públicos e privados, deve ser viabilizada para que de fato haja a incorporação das tecnologias educacionais no cotidiano escolar.

Dado o cenário digital, é viável o acesso, o aprendizado, a troca de informações por intermédio das redes digitais, bem como a possibilidade de colaboração, desse modo, a temática das tecnologias digitais se consolida no discurso pedagógico.

Nos dias atuais, ainda, considera-se o modelo educacional de muitas instituições escolares como ultrapassado. A solução para que de fato exista um verdadeiro desenvolvimento do sistema educacional é repensar na utilização de novas estratégias a serem utilizadas no processo de ensino-aprendizagem, como a adoção das tecnologias digitais.

Há grandes desafios para a educação escolar, dentre tantos, é preciso que a escola ofereça aos educandos a possibilidade do desenvolvimento das habilidades necessárias para a cidadania no século XXI. A ampliação do uso das tecnologias digitais na escola seria relevante. Existe a necessidade de investimentos, a fim de viabilizar a infraestrutura adequada para que se tenha o acesso à internet. Ainda assim, faltam muitos passos para que haja sucesso nesta empreitada objetivando a modernização dos sistemas educacionais, podemos citar o avanço na formação dos professores e uma ampla revisão curricular.

Neste trabalho, buscaram-se reflexões acerca de estratégias que pudessem auxiliar os educadores diante do uso das tecnologias digitais de informação e comunicação, a fim de expandir a aprendizagem dos alunos na busca por novos conhecimentos.

Notou-se que as novas tecnologias, especialmente a ferramenta Padlet, motivaram a leitura e a escrita no ambiente virtual, desenvolvendo o protagonismo e gerando colaboração.

Apesar de as tecnologias digitais serem relevantes no processo de letramento, deve-se considerar que, ainda, não são acessíveis a todas as instituições. Por isso, a utilização das TICs, em muitas escolas, continua bastante restrita, considerando o perfil socioeconômico de seus frequentadores.

No que tange ao letramento no espaço digital intermediado pelo uso do Padlet, ratificou-se que a ferramenta contribui na formação dos estudantes, dado que auxilia na apropriação das práticas sociais de modo que sejam capazes de produzir discursos dentro e fora da escola.

Frente às exigências postas à educação contemporânea, a docente fez uso da multimodalidade e da tecnologia, com o intuito de aprimorar o ensino e a aprendizagem.

Constata-se que o referencial teórico corroborou significativamente com conceitos acerca do tema desta dissertação, visto que o letramento, as tecnologias, bem como a multimodalidade estão sendo tratados em diversos documentos e por diversos pesquisadores.

No que tange ao percurso desta pesquisa, inicia-se no cenário digital, buscando no Google práticas inspiradoras com o padlet. A intenção é mostrar que a tecnologia pode de alguma forma contribuir para ampliação do conhecimento dos educandos. Além disso, pode facilitar o processo de ensino-aprendizagem escolar, auxiliando para que as aulas sejam mais criativas e dinâmicas, proporcionando aos alunos práticas pedagógicas que estejam conectadas com a vida cotidiana, desenvolvendo competências comunicativas eficientes.

O corpus da análise foram os padlets publicados pela escola durante a quarentena da Covid-19, situada no Estado do Espírito Santo, o Centro Estadual Monsenhor Guilherme Schmitz, no qual a professora de Português e Literatura, Wana Martins ministrou suas aulas por meio da ferramenta padlet.

Constatou-se que o contato através da conectividade entre professores e estudantes, favoreceu a aprendizagem, a colaboração, o diálogo e a investigação de novas práticas durante esse período. Através do padlet foi possível averiguar as práticas de leitura e escrita de estudantes.

Refletiu-se sobre o letramento digital, bem como sobre a importância da inclusão digital, que é uma forma de democratizar a tecnologia, para que seja acessível ao maior número de pessoas. Além disso, observou-se como a professora Wana Martins trabalhou com os multiletramentos e com a multimodalidade, demonstrando a utilização de diversos recursos digitais para alcançar seu objetivo.

Aprofundou-se também os estudos sobre a cibercultura, que é tida como um conjunto de espaços, atitudes, rituais e costumes que as pessoas desenvolvem quando entram em contato com a tecnologia. Desta maneira, viram-se, na prática, pelos padlets publicados, como os usuários se comportam neste cenário, cada qual com seu rito e cultura.

Objetivou-se refletir acerca do uso das tecnologias digitais como tática para aprender colaborativamente, assim como investigar as práticas sociais de letramento, abordando, também, a relevância do multiletramento como um meio para propiciar a interação e um aprendizado eficaz.

Examinou-se, sobretudo, o leitor híbrido, presente na cultura digital, utilizou-se, para tanto, a metodologia do estudo de caso, buscando compreensão da complexidade da ação educativa, analisando o trabalho dos envolvidos no processo educacional. Notou-se que o leitor híbrido é capaz de realizar leituras em diferentes contextos.

A ferramenta Padlet contribuiu para o desenvolvimento da criticidade e autonomia dos alunos, à medida que a multimodalidade e a tecnologia auxiliaram o acréscimo de novas informações aos estudantes, motivando-os à pesquisa, à colaboração, à interação entre alunos e professora, para alcançar seus objetivos no que tange ao ensino-aprendizagem.

Para examinar o estudo de caso foram consideradas as respostas fomentadas pelos estudantes e as postagens da professora Wana Martins, as quais estão compartilhadas na plataforma Padlet.

Com as respostas dos discentes, constatou-se a oportunidade de exposição da opinião dos mesmos, a colaboração, a interação, a criatividade, o protagonismo, a autonomia, como as habilidades tecnológicas, comprovada pela criação dos padlets nos murais. As atividades contribuíram na aprendizagem do conceito de Arcadismo e suas características.

Acredita-se, então, que o método Estudo de Caso seja uma alternativa viável para o ensino com o intermédio das tecnologias digitais, especialmente, através da

ferramenta padlet, pois possibilita aos estudantes a participação e colaboração durante o processo de ensino-aprendizagem. Uma das funções do uso do padlet é, sem dúvida, a possibilidade de apresentar ao grupo de discentes o maior número possível de leituras e releituras de um mesmo objeto. Com isso, torna-se possível expandir as formas de adquirir conhecimento a partir do trabalho desenvolvido.

Por fim, é essencial que todos possam ter acesso às tecnologias e às práticas de multiletramentos como forma de democratização do ensino. A educação de qualidade deve ser privilégio de todos. Para isto, as políticas públicas devem oferecer a devida qualificação aos professores para que possam sanar o insucesso escolar, diminuindo a exclusão social. Além disso, valorizar a cultura dos alunos, os letramentos locais, proporcionando aprendizagens apreciáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

AZZARI, E.F.; LOPES, J.G. Interatividade e Tecnologia. In: ROJO, Roxane (org.). **Escola Conectada: os multiletramentos e as tics**. São Paulo: Parábola, 2013.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: Loyola, 2000.

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (Orgs.) **Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação**. Porto Alegre: Penso, 2015. 270p.

BARATTO, S.S; CRESPO, L.F. Cultura digital ou cibercultura: definição e elementos constituintes da cultura digital, a relação com aspectos históricos e educacionais. **Revista Científica Eletrônica Uniseb**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p.16-25, ag/dez. 2013.

BASTOS, C. C. **Metodologias ativas**. 2006. Disponível em: <<http://ned.unifenas.br/blogtecnologiaeducacao/educacao/metodologias-ativas-parte-1>> Acesso em: 05 de abril 2022.

BEHAR, P. A. et al. Competências conceito, elementos e recursos de suporte, mobilização e evolução. In: BEHAR, Patricia Alejandra (org.). **Competências em Educação a Distância**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 20-39.

BELIVAQUA, R. Novos estudos do letramento e multiletramentos: divergências e confluências. **Revista Virtual de Letras**, v. 5, p. 99-114, 2013.

BERBEL, N.A.N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v.32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BLOG LYCEUM. Metodologias Ativas de Aprendizagem: o que são e como aplicá-las. São Paulo 02 jun. 2021. Disponível em: <<https://blog.lyceum.com.br/metodologias-ativas-de-aprendizagem>> Acesso em: 22 de março de 2022.

BRANDÃO, L. **A hipermodernidade de Gilles Lipovetsky**. Comunidade, Cultura e Arte. 20 ago. 2020. Disponível em: <<https://comunidadeculturaearte.com/a-hipermodernidade-de-gilles-lipovetsky/>>. Acesso em: 02 de abril de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CASTELLS, Manuel. **Escola e internet: o mundo da aprendizagem dos jovens**, 2020. Disponível em: <<https://www.fronteras.com/artigos/o-digital-e-o-novo-normal>> Acesso em: 24 de março de 2022.

_____, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CENTRO DE REFERÊNCIAS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL. **Desafios da Educação**, 2022. Disponível em: <<https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/metodologias-ativas-carecem-engajamento-institucional>> Acesso em: 10 de abril de 2022.

COSCARELLI, C. V.; Ribeiro, A. E. (Orgs.). **Letramento digital – Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DEWEY, J. **Vida e Educação**. São Paulo: Nacional. 1959.

DIONÍSIO, Angela. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO A. P. (Orgs). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FERREIRA, S.; BASTOS, R. **Web 2.0 Recursos Tecnológicos e Formação**. 2006. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/susana12345/web-20-recursos-tecnologicos-e-formao-susana-ferreira-20061566-raquel-bastos-20062189>> Acesso em: 17, março, 2022.

FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. Cultura digital e formação de professores: usos da mídia, práticas culturais e desafios educativos. In: _____. **Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores**. Campinas (SP): Papirus, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 36. ed, São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREITAS, M. T. A. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.26, n. 3, p. 335-352, dez. 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D, T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIANINI, Z. M. (2017). PADLET: construindo a autonomia na aprendizagem de inglês. **Revista CBTECLE**, v. 1, n. 1, p. 508-527.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. 1São Paulo: Atlas, 2010.

GÓMEZ, Á. I. P. **Educação na era digital: a escola educativa**. Porto Alegre: Penso, 2015.

GLASER, W. (2017). **William Glasser**. Fonte: PPD: Disponível em: <<http://www.ppd.net.br/williamglasser/>> Acesso em: 10 de fevereiro de 2022.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

KALINKE, M. A. **Internet na Educação: como, quando, onde e por quê**. Curitiba: Editora Expoente, 2003.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e tempo docente**. Campinas: Papirus, 2013.

_____. **Educação e Tecnologias: o Novo Ritmo da Informação**, Campinas, SP: Papirus, 2012.

_____. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado da Letras, 1995.

_____. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. 8a edição. Campinas: Pontes, 2001.

KIRSCH, I.S., JUNGBLUT, A. **Literacy: Profiles of America's Young Adults. Final Report of the National Assessment for Educational Progress.** Princeton, N. J.: Educational Testing Service, 1990.

KOCH, I. G. V. Hipertexto e construção do sentido. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 51, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1425>. Acesso em: 19 abr. 2022.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

LEMOS, A. (Org). **Cidade digital: portais, inclusão e redes no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2007.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.

LEÃO, Lúcia. **O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço**. 2. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

LEMOS, A. **As estruturas antropológicas do ciberespaço**. In: Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **As tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____, Luiz A.: **O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula**. Linguagem e Ensino. Vol. 4, No. 1, pág. 79 – 111, 2011.

_____, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 13-67

_____. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. In: **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 146-169.

MENDES, L. F., AMORIM, N. O. Uso da plataforma web Google Classroom como ferramenta de apoio à metodologia Flipped Classroom: relato de aplicação no curso de Bacharelado em Sistemas de Informação. In: **VIII Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2019)**. Anais [...]. Brasília: 2019. p. 138-147. Disponível em: <<https://br-ie.org/pub/index.php/wie/article/view/8560>> Acesso em: 04 de abril, 2022.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 13^a. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MINHOTO, P, & MEIRINHOS, M. (2011). As redes sociais na promoção da aprendizagem colaborativa: um estudo no ensino secundário. **Educação, Formação & Tecnologias**, 4(2), 25-34 [Online]. Disponível em: <<http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/227/143>> Acesso em 20, abril, 2022.

MONEREO, Carles; POZO, Juan Ignacio. O aluno em ambientes virtuais: condições, perfil e competências. COLL, C.; MONEREO, C. e colaboradores. **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. Porto Alegre: Artmed, p. 97-117, 2010.

MONTEIRO, J. C. S.; RODRIGUES, S. F. N. Bibliotecas de narrativas hipertextuais jornalísticas no aplicativo ThingLink. **Revista Bibliomar**, v. 18, p. 50-62, 2019

MONTEIRO, J. C. S.; RODRIGUES, S. F. N.; MOREIRA, A. A. F. G. O potencial das narrativas hipertextuais como metodologia pedagógica para o ensino de jornalismo. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**, v. 4, p. 213-227, 2019.

MORAN, J.M. Ensino e aprendizagem inovadores com o apoio das tecnologias. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 21 ed. Campinas: Papirus, 2013. 173p.

_____. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção mídias contemporâneas. **Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**, v. 2, n. 1, p. 15-33, 2015.

_____, J. M. **Metodologias Ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórica-prática** / Organizadores, Lilian Bacich, José Moran. Porto Alegre: Parábola Editorial, 2018.

Moser, A. S., Gregório, A., Pires, E. A. C., & Moreira, A. L. O. R. (2020). Concepções de ambiente e Educação Ambiental de professores: o padlet como uma ferramenta interativa. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, 15(5), 20-36.

NITZKE, J.; GELLER, M.; CARNEIRO, M. **Criação de Ambientes de Aprendizagem Colaborativa**: 1999, disponível em <<http://penta.ufrgs.br/pgie/sbie99/acac.html>> Acesso em 15, maio, 2022.

OSTERMANN, Fernanda; CAVALCANTI, Cláudio José de Holanda. **Teorias de Aprendizagem: texto introdutório**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Física, 2010.

PALLOF, Rena M.; PRATT, Keith. **Estimulando a Aprendizagem Colaborativa**. In: Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PANITZ, T. **A definition of collaborative vs cooperative learning**. Disponível em: <http://colccti.colfinder.org/sites/default/files/a_definition_of_collaborative_vs_cooperative_learning.pdf> Acesso em: 13, maio, 2022.

PIAGET, J. **A Epistemologia Genética**, tradução de Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujanra Dacir e Célia E.A. di Piero, 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PISCHETOLA, Magda. **Inclusão digital e educação: a nova cultura da sala de aula**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

ROGERS, C. **Liberdade para Aprender**. Belo Horizonte: Ed. Interlivros, 1973.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. Letramento e capacidades de leitura para cidadania. In: FREITAS & COSTA (orgs). **Escrita na Formação de Professores**. SP: Musa/UFJF/INEPCOMPED, 2002, p. 31-52.

RIBEIRO, Ana Elisa. E. **Novas tecnologias para ler e escrever: algumas ideias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula**. 1. Ed. Belo Horizonte: RHJ, 2012. 136 p.

_____. **Multimodalidade, textos e tecnologias: provocações para a sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2021.

RIOLFI, C. et al. Capítulo 9. Problemas comuns no processo de ensino da escrita. In: **Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Thomson Learning, 2008. p. 135 – 158.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola. Editorial, 2015.

SANCHEZ, Fábio (coord.) **Anuário brasileiro estatístico de educação aberta e a distância – ABRAEAD 2005**. São Paulo: Instituto Monitor Ltda, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

_____, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: das culturas das mídias a cibercultura**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. Revista: FAMECOS, Porto Alegre, n. 22, dez. 2003.

SÉRVIO, Gabriel. **Padlet: O que é, como funciona e como usar**. Olhar digital, 2022. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/2022/01/14/tira-duvidas/padlet-o-que-e-como-funciona-e-como-usar/>>. Acesso em: 06, abril, 2022.

SILVA, Helena; JAMBEIRO, Othon; LIMA, Jussara; BRANDÃO Marco Antônio. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 34, n. 1, p.28-36, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n1/a04v34n1.pdf>> Acesso em: 12 abr. 2022.

STREY, M. N., KAPITANSKI, R. C. **Educação & Internet: A era da informação e a vida cotidiana** – São Leopoldo: Sinodal, 2011.

SOARES, M. Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Ciberultura. **Educação e Sociedade**, v.23 n.81, Campinas, dez 2002.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

TFOUNI, Leda V. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. Campinas: Pontes, 1988.

TFOUNI, Leda V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo, Cortez, 2005.

TORRES, P. L.; ALCANTAR, P. R.; IRALA, E. A. F. **Grupos de Consenso: Uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n. 13, p. 129-145, set./dez. 2004.

TUTORIAL PADLET: criando murais. **INOVAEH** - Secretaria Geral de Educação a Distância da Universidade Federal de São Carlos, 2022. Disponível em: < <https://inovaeh.sead.ufscar.br/wp-content/uploads/2019/04/Tutorial-Padlet.pdf> >. Acesso em: 04 de abril de 2022.

UNICEF e parceiros. **Enfrentamento da cultura do fracasso escolar**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/12566/file/enfrentamento-da-cultura-do-fracasso-escolar.pdf>. Acesso em 16, maio, 2022.

VARELLA, P. G.; VERMELHO, S. C.; HESKETH, C. G.; SILVA, A. C. C. Aprendizagem colaborativa em ambientes virtuais de aprendizagem: a experiência inédita da PUCPR. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 3, n. 6, p. 11-27, 2002.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VILAÇA, M. L. C.; ARAÚJO, E. V. F de. (Organizadores). **Tecnologia, Sociedade e Educação na Era Digital** (livro eletrônico). Rio de Janeiro: DC. UNIGRANRIO, 2016.

YIN, ROBERT K. **Estudos de casos: planejamentos e métodos**. Tradução Daniel Grassi. 3. ed. Porto Alegre. Bookman, 2005.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In:_____ **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. 2º ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.